

FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado

**DESAMPARO E INTENSIDADES EM ATO NA ADOLESCÊNCIA:
RISCOS AO DEVIR**

Roberta Araujo Monteiro

Orientadora: Prof^a Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo

Porto Alegre, março de 2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ROBERTA ARAUJO MONTEIRO

**DESAMPARO E INTENSIDADES EM ATO NA ADOLESCÊNCIA:
RISCOS AO DE VIR**

Profª Drª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre

2011

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**DESAMPARO E INTENSIDADES EM ATO NA ADOLESCÊNCIA:
RISCOS AO DEVIR**

Dissertação de Mestrado

ROBERTA ARAUJO MONTEIRO

Profª Drª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, março de 2011.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**DESAMPARO E INTENSIDADES EM ATO NA ADOLESCÊNCIA:
RISCOS AO DEVIR**

ROBERTA ARAUJO MONTEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, março de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M775d Monteiro, Roberta Araujo

Desamparo e intensidades em ato na adolescência: riscos
ao devir / Roberta Araujo Monteiro. Porto Alegre, 2011.
103 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS, 2011.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother
Macedo.

1. Psicologia. 2. Contemporaneidade. 3. Adolescência. 4.
Ato. 5. Escuta. 6. Psicanálise. I. Macedo, Mônica Medeiros
Kother. II. Título.

CDD 155.5

Bibliotecária Responsável

Isabel Merlo Crespo
CRB 10/1201

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Roberta Araujo Monteiro

**DESAMPARO E INTENSIDADES EM ATO NA ADOLESCÊNCIA:
RISCOS AO DEVIR**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo

Presidente

Dr^ª. Eurema Gallo de Moraes

Sigmund Freud Associação Psicanalítica

Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia Tiellet Nunes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, março de 2011

*Para minha afilhada Júlia, que me
oferece uma nova perspectiva
sobre a beleza da vida.*

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A Mônica Medeiros Kother Macedo, minha orientadora e mestre primeira nos caminhos pela Psicanálise. Agradeço por sua disponibilidade, seu carinho, sua leitura atenta e sua continência em cada momento dessa construção. Sua presença foi essencial para que cada obstáculo pudesse ser transposto e cada conquista fosse devidamente brindada. A ela meu carinho e minha sincera admiração!

AGRADECIMENTOS

É sempre muito bom poder compartilhar com pessoas queridas momentos tão importantes. Chega a hora de agradecer!

Ao meu namorado André, por tudo o que significa para mim, pelos intensos sentimentos que compartilhamos e pelo companheirismo sempre.

Aos meus pais, Maria Cristina e Roberto, pelo investimento afetivo primordial.

Aos meus irmãos, Cristiano, Eduardo e Henrique, pela história especial que construímos.

À minha cunhada Cíntia, pela amizade e pelo laço que nos une.

Aos meus padrinhos, Vitor e Cristiane, pela referência e pelo carinho inestimável.

Aos meus sogros, Sônia e Lucídio, aos meus cunhados, Lucas e Rafael, e minhas cunhadas, Êrika e Simone, pela terna acolhida nessa nova família.

Às minhas amigas e colegas Joana Nazário, Juliana Martins Costa, Liege Didonet e Luciana Rocha, pelos bons momentos e produções conjuntas.

A Eurema Gallo de Moraes e Bárbara de Souza Conte, referências ímpares no meu caminho pela Psicanálise, pelo apoio afetuoso e pelos ensinamentos valiosos.

A Eneida Braga, Elenara Faviero e Sissi Vigil Castiel, pela presença motivadora e carinhosa e pelos conhecimentos transmitidos.

Às minhas amigas e colegas de formação Daniela Bratz, Daniela Feijó e Evelise Waschburger, pelo carinho e pela parceria que marcam nosso caminho pela SIG e fora dela.

A Patrícia Rutsatz, querida amiga e colega de consultório, pelo carinho e pela parceria.

A Frederico Seewald, pelo diálogo profícuo e pela acolhida que marcam nossos encontros de supervisão.

A Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn, pela amizade e auxílio em várias produções.

Às minhas colegas de Mestrado Fernanda Cesa, Paula Kegler, Roberta Giacobone, Mariana Baldo e Laura Tomasi, pela amizade que transpõe as salas de aula.

Aos colegas do grupo de pesquisa Lísia Refosco, Lizana Dallazen e Sílvio Iensen e aos alunos do curso de graduação em Psicologia da PUCRS e bolsistas de iniciação científica Rafael dos Santos, Jorge Ondere, Thomás Gonçalves, Renata Ribas e Sander Machado pela disponibilidade e auxílio durante a pesquisa.

Às minhas amigas e colegas Helena Rosa, Júlia Hermel, Luciana Mattos, Gabriela Susin, Larissa Calheiros e Letícia Bonamigo, pelos momentos maravilhosos que vivemos desde a faculdade e pela amizade que se sustenta independente do tempo e da distância.

Aos meus colegas do Absolutto – curso por disciplina, pela confiança e pelo carinho.

Aos meus professores da Faculdade de Psicologia da PUCRS, que muito contribuíram na minha construção profissional.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na pessoa de seu Reitor Irmão Dr. Joaquim Clotet, por ser uma instituição que prima pela excelência acadêmica sempre.

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS na pessoa de seu coordenador Prof. Dr. Christian Haag Kristensen, pela oportunidade e por me disponibilizar os subsídios necessários para o meu aprimoramento profissional.

Ao Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia – SAPP, na pessoa de sua coordenadora Me. Profa. Nádia Marques pela possibilidade de contar com os participantes dessa pesquisa.

A Márcia Steffen, pela disponibilidade e auxílio durante a pesquisa.

A Sonia Argollo, pelo auxílio e disponibilidade em fazer as revisões de português.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes na minha vida pessoal e profissional, apoiando o meu crescimento.

Aos participantes deste estudo: Antônio, Tiago e Vagner, meu especial agradecimento, por dividirem comigo suas histórias e possibilitarem a construção dessa pesquisa.

Ao CNPq, pela bolsa de financiamento que viabilizou a realização desta pesquisa científica.

RESUMO

As chamadas novas patologias expressam dinâmicas que circunscrevem um tempo e que convocam os psicanalistas a se dedicarem à compreensão de temas que permitam delinear um entendimento. Isso inclui não só considerar a dinâmica própria de organizações psíquicas singulares como, também, levar em conta as particularidades do momento cultural e social da atualidade. Nesse contexto, a ocorrência de comportamentos de risco tais como adições, compulsões e delinquência remete a situações que denunciam aspectos preocupantes no cenário da adolescência na sociedade contemporânea. Este cenário de comportamentos auto e heterodestrutivos conduz ao objetivo central desta Dissertação: compreender as manifestações em ato na adolescência contemporânea. Foram elaboradas duas seções sobre o tema: uma teórica e outra empírica. A seção teórica propõe uma reflexão referente aos padecimentos adolescentes que têm nas manifestações em ato sua forma de expressão dominante. Para tal, foram retomadas as considerações psicanalíticas sobre o processo de constituição psíquica, a vivência da adolescência e a trajetória identitária na interface com as marcas da contemporaneidade. Entendeu-se que o instrumental psicanalítico se constitui em uma sólida ferramenta para alcançar essa compreensão, dado o valor que presta à singularidade dos processos intrapsíquicos e intersubjetivos. Já, na seção empírica, por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, buscou-se compreender, a partir de estudos de caso de adolescentes, as manifestações de dor psíquica via ato no cenário da adolescência contemporânea, a fim de favorecer uma posterior adesão a atendimento psicológico. Participaram três adolescentes com idades entre 14 e 18 anos, que foram encaminhados para atendimento na clínica-escola da Faculdade de Psicologia da PUCRS e que evidenciaram, durante a etapa de triagem, comportamentos de risco (adições, compulsões ou delinquência). O adolescente, após ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), participou de uma série de quatro entrevistas abertas, gravadas em áudio, que, juntamente com uma ficha de dados sociodemográficos, constituiu o Estudo de Caso de cada participante. Também foi realizada uma entrevista com um responsável por cada adolescente, o qual também assinou o TCLE. A análise dos dados obtidos foi feita pelo método de Análise Interpretativa, proposto por Frederick Erickson. A partir dessa proposta, foram identificadas quatro asserções, as quais evidenciaram a presença de fragilidade psíquica, a ausência de perspectivas de vida, uma distorção dos aspectos típicos da adolescência e a potencialidade de criação de recursos psíquicos a partir da experiência de escuta para esses adolescentes. O estudo realizado constatou a possibilidade de que, no campo analítico, a dupla adolescente e analista possa resgatar a condição do jovem para ocupar um lugar distinto em sua história identificatória, explorando experiências que permitam a construção de recursos necessários para que a expressão de conflituosas não se restrinja à produção de atos. Assim, vê-se viabilizada a abertura de um espaço de escuta que abarque novas significações e recursos de metabolização para o sofrimento dos adolescentes na contemporaneidade.

Palavras-Chave: contemporaneidade; adolescência; ato; escuta; psicanálise.

Área de Concentração conforme o CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Subárea conforme classificação do CNPq: 7.07.10.00-7 (Tratamento e Prevenção Psicológica)

ABSTRACT

The so-called new pathologies express dynamics which circumscribe a time and also convoke the psychoanalysts to comprehend some topics that allow delineating an understanding. This include not just considering the own dynamics of unique psychic organizations but also to take into account the cultural and social specificities of the contemporary. In this context, the occurrence of risk behaviors such as additions, compulsion and delinquency address to situations that denounce worrying aspects in the adolescence scenario in the contemporary society. This scenario of self and hetero destructives conduct to the main goal of this dissertation: to understand the manifestations via act in the contemporary adolescence. Two sections about this topic were written: a theoretical and an empirical one. The theoretical section proposes to shed some light in the adolescence sufferings which has its manifestation through act and this characterizes as its dominant expression. In order to do that, psychoanalytical considerations were retaken about the process of psychic constitution, the adolescence experiences and the identity journey in the connection with the contemporary marks. It was understood that the psychoanalytical instrumental constitute itself as a solid tool to reach this understanding because the value that Psychoanalysis consider the singularity of the interpsychic and intersubjective processes. In the empirical section through a qualitative research, it was tried to understand through case studies of adolescents the manifestations of the psychic pain via act in the contemporary adolescence scenario, in order to encourage subsequent adhesion psychological care. Three adolescents from 14 to 18 years old participated. These individuals were sent to appointment in the clinical school in the Psychology school of PUCRS and which highlights during the stage of screening, risk behaviors (addictions, compulsions and delinquencies). The adolescent, after signing consent, participated of four open interviews among with a sociodemographic report, characterized the study case of each participant. Also an interview was made by the parent of this adolescent and this parent also signed this consent. The analysis of the obtained data was made through an Interpretative Analysis proposed by Frederick Erickson. From this proposal, four assertions were identified which highlighted the presence of psychic frailty, the absence of life perspectives, a distortion of the typical aspects of adolescence and the potentiality to create psychic resources from the experience of listening to these adolescents. The study found the possibility that in the analytical field that is possible that adolescent and analyst to rescue the condition of this teenage to occupy a different place in his identificatory history, exploring experiences which allow the construction of resource to the expression of conflicts not only to restrict to the production of acts. Besides that, it gives an opportunity to the listening field which harbors new significations and resources of metabolism to the suffering of these adolescents in the contemporary.

Keywords: contemporary; adolescence; act; listening; psychoanalysis.

Concentration area according to CNPq: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Subarea according classification of CNPq: 7.07.10.00-7 (Treatment and Psychological Prevention)

SUMÁRIO

LISTA GERAL DE TABELAS.....	13
INTRODUÇÃO GERAL.....	14
Referências.....	17
SEÇÃO TEÓRICA.....	19
O ESPETÁCULO DO ADOLESCER NO CENÁRIO DA CONTEMPORANEIDADE: UMA TRAGÉDIA EM VÁRIOS ATOS.....	19
Introdução.....	20
O cenário contemporâneo.....	21
Adolescência: um roteiro desafiador.....	24
A constituição do sujeito em tempos de excesso: localizando a passagem ao ato.....	26
O espetáculo acabou: expressão em ato e dor psíquica na adolescência.....	33
Considerações finais.....	38
Referências.....	40
SEÇÃO EMPÍRICA.....	45
A MANIFESTAÇÃO EM ATO NA ADOLESCÊNCIA: TESTEMUNHO DO DESAMPARO.....	45
Introdução.....	46
A constituição psíquica: um sujeito a devir.....	47
A adolescência contemporânea e a passagem ao ato.....	51
Resultados e discussões: apresentação das asserções.....	59
Configurações Finais.....	89
Referências.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	98
ANEXO II – FICHA DE TRIAGEM.....	99
ANEXO III – DESCRIÇÃO DOS ESTUDOS DE CASO.....	100
ANEXO IV – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUCRS	103

LISTA GERAL DE TABELAS

Tabela 1. Características sociodemográficas dos Participantes.....56

Tabela 2. Informações sobre a busca ao SAPP pelos Participantes.....59

INTRODUÇÃO GERAL

Muito tem se falado das novas patologias, das patologias do vazio, do narcisismo, dinâmicas psicopatológicas que circunscrevem um tempo e que convocam os psicanalistas a se debruçarem sobre temas que permitem delinear um entendimento não só da dinâmica própria de organizações psíquicas singulares, como, também, de particularidades do momento cultural e social que se vive hoje. Dentre essas novas patologias, evidencia-se uma forma de ser marcada pelo predomínio de manifestações em atos, os quais denunciam a força de intensidades que confrontam o sujeito com sua capacidade de metabolização.

Atualmente, percebe-se que a sociedade, arrogantemente, encontra-se impedida de dar guarida à castração, como registro da falta que perpassa a condição humana. Ao contrário, as demandas sociais promovem uma busca incansável de uma imagem plena e uma sensação de completude que nunca se consegue suprir. Assim, não é dado um espaço à falta, condição *sine qua non* do desejo. Sob essas condições, predomina no sujeito o vazio do não saber nem mesmo o que desejar. Ao encontro disso, Souza (2010) descreve que na sociedade atual – denominada pós-moderna ou líquida – o que impera é a necessidade de satisfação em detrimento da moção do desejo; o imediatismo e a compulsão de gratificar-se a qualquer custo suprimem a possibilidade de postergação das gratificações. Nesse cenário, segundo a autora, um problema a ser considerado, sobre o qual a Psicanálise tem muito a contribuir, é a existência destas patologias oriundas de falhas no processo de constituição psíquica que ficam pautadas não pelo recalçamento, mas pela liberação de aspectos destrutivos, os quais podem ser dirigidos ao próprio indivíduo ou para o outro. No primeiro caso, podem-se identificar as adições, as bulimias e as anorexias, e, no

segundo caso, patologias que colocam intensidades em ato contra o outro, o que transforma a integridade física e a vida em um bem sem nenhum valor.

Nesse contexto, se inscreve a problemática deste estudo, que visa compreender as manifestações em ato na adolescência contemporânea. Na história da Psicanálise, Freud sempre manteve uma postura investigativa, ampliando o entendimento sobre os fenômenos humanos que já eram vistos por ele como sendo multifatoriais. Também nos seus textos sociais, Freud (1913/1989, 1927/1989, 1930/1989) apresentou uma intrínseca relação entre os aspectos culturais e sociais com as formas de subjetivação. Portanto, torna-se relevante refletir, seja no âmbito individual ou no espaço atravessado pelas questões culturais, sobre o processo de configuração dessas novas formas de subjetivação, a fim de compreender suas manifestações e propor intervenções que resultem em novas possibilidades para esses sujeitos frente às vicissitudes de suas vidas.

Esta dissertação de mestrado, intitulada **“Desamparo e intensidades em ato na adolescência: riscos ao devir”**, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, coordenado pela Prof^a Dr^a Mônica Medeiros Kother Macedo. Esse Grupo de Pesquisa está inserido na área de concentração “Constructos Teóricos, Modalidades de Avaliação e Intervenção na construção do conhecimento em Psicologia Clínica”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Este estudo foi desenvolvido com base do projeto **“Desamparo e intensidades em ato: recursos de compreensão sobre a adolescência na contemporaneidade”**, vinculado ao Projeto Guarda-Chuva do grupo de pesquisa “Intervenções em Psicanálise”, o qual foi encaminhado para apreciação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS,

tendo sido aprovado em 20 de novembro de 2009. A partir desse projeto, foram organizadas duas seções de estudo sobre o tema, de acordo com a Resolução nº 002/2007, de 06/11/2007, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A primeira seção, intitulada **“O espetáculo do adolecer no cenário da contemporaneidade: uma tragédia em vários atos”**, é de cunho teórico e a segunda seção, intitulada **“A manifestação em ato na adolescência: testemunho do desamparo”**, é de cunho empírico.

A seção teórica teve como objetivo principal fazer uma revisão da literatura, a fim compreender as manifestações em ato na adolescência, destacando a influência das marcas primitivas na constituição psíquica, contextualizada a partir do estudo de características próprias da contemporaneidade. A seção empírica, por sua vez, foi elaborada a partir do Projeto e teve como objetivo investigar uma configuração psíquica da adolescência no contexto atual, na qual se sobressaem as expressões em ato, a fim de identificar recursos psíquicos facilitadores à adesão de um posterior atendimento psicológico. Para tanto, foi realizada uma série de entrevistas com três adolescentes de 14 a 18 anos, que foram encaminhados ao atendimento na clínica-escola da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Os participantes evidenciaram, durante a etapa de triagem, comportamentos de risco (adições, compulsões ou delinquência). Além do material coletado nas entrevistas, fizeram parte do Estudo de Caso de cada participante os dados sociodemográficos levantados por meio da ficha de triagem (Anexo II) da clínica-escola. A análise dos dados obtidos foi feita pelo método de Análise Interpretativa, proposto por Frederick Erickson (1997).

Por meio das seções de estudo que compõe esta dissertação, foi possível abordar importantes contribuições que a Psicanálise oferece sobre a complexidade do processo de estruturação psíquica e das influências da qualidade das relações

experienciadas no campo intersubjetivo. Além disso, os aportes psicanalíticos sobre a singularidade das conflituosas adolescentes exploradas neste estudo permitem contribuir para intervenções que lancem um olhar amplo à situação dramática de jovens que, na repetição de atos destrutivos, contam de um aprisionamento de seus recursos que os vai pouco a pouco alijando do convívio e de possibilidades na vida.

Assim, este estudo procurou oferecer uma reflexão profícua sobre manifestações em ato na adolescência contemporânea, compreendendo-as como forma de expressão de dor psíquica. Ao acreditar ser o instrumental psicanalítico uma sólida ferramenta para alcançar os complexos entrançados que resultam na condição de ser um sujeito psíquico, reafirma-se o valor de refletir sobre um tempo da vida na qual muitos rumos e escolhas adquirem um contorno mais definitivo.

Referências

- Erickson, F. (1997). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Freud, S. (1913/1989). Totem e Tabu. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp.17-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927/1989). O futuro de uma ilusão. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.15-80). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/1989). O mal estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.81-170). Rio de Janeiro: Imago.

Souza, D. (2010, 30 out). O segredo da longevidade de Freud. Caderno Cultura, *Zero Hora*.

SEÇÃO TEÓRICA

O ESPETÁCULO DO ADOLESCER NO CENÁRIO DA CONTEMPORANEIDADE: UMA TRAGÉDIA EM VÁRIOS ATOS

O espetáculo do adolecer no cenário da contemporaneidade: uma tragédia em vários atos

Introdução

Entre as analogias possíveis para o termo “espetáculo” tem-se que é uma maravilha, uma peça teatral, um estardalhaço, uma ostentação. É algo ruidoso, que impressiona e atrai a atenção (Azevedo, 2010). Utilizando-se desse termo como uma metáfora, é possível pensar sobre o conceito de adolescência – etapa naturalmente complexa e que exige do jovem um intenso trabalho psíquico–, como sendo um momento que prende a atenção não só daqueles que por ela estão passando. Por outro lado, “espetáculo” pode igualmente designar uma modalidade de expressão presente na sociedade atual, mediante a qual se busca impressionar, impactar o outro pela suposta grandeza e completude possuídas e expostas independentemente do custo para bancar a exposição. Partindo dessas considerações, tem-se um esboço da adolescência contemporânea, pois fica delineada a compreensão do processo de adolecer como um espetáculo que inquieta e prende a atenção. Por outro lado, também abre para a perspectiva de um espetáculo que, em vista de seu cenário – com as especificidades atuais, adquire traços de tragédia ao evidenciar, em muitas de suas apresentações, a dor psíquica manifesta em ato. Atos que expressam algo encenado na ação justamente por não ter alcançado a possibilidade da palavra.

Assim, salienta-se uma importante diferença entre o que faz com que a crise do processo do adolecer, complexo por excelência, em algumas situações tome a forma de passagem ao ato. Para percorrer esse caminho, duas vias de reflexão se tornam necessárias: uma diz respeito àquilo que se dá no campo intrapsíquico em termos de constituição psíquica, e a outra diz respeito às questões culturais. Freud explicitou em seus textos sociais (Freud, 1913/1989, 1927/1989, 1930/1989) uma

importante relação entre o indivíduo e a cultura. Naquele momento, o autor norteava-se por uma moral civilizatória que circunscrevia certos padecimentos à repressão sexual.

Ao construir a Psicanálise, Freud (1905/1989) expandiu aquilo que era da satisfação para além do autoconservativo, propondo uma ampliação ao terreno da sexualidade, conferindo-lhe um novo estatuto. Com isso, foi possível emergir elementos que sustentam uma reflexão acerca do que é próprio do processo constitutivo individual e daquilo que envolve o processo civilizatório – ambos patrimônios ímpares da história do sujeito psíquico. A argumentação entre o sexual e o cultural permite compreender o que movimenta o sujeito no âmbito interno e no âmbito cultural, sendo que Freud (1930/1989) indica que o processo civilizatório convoca a humanidade a abandonar a satisfação imediata de suas pulsões a fim de viabilizar a relação com os seus semelhantes. Essa proposição freudiana evidencia o atravessamento inerente do que é do campo intersubjetivo nos processos individuais.

Nessa direção, é possível delinear a proposta deste artigo que visa explorar a relação estabelecida entre a constituição do sujeito psíquico e os elementos característicos da contemporaneidade. Com isso, busca-se refletir a respeito de aspectos envolvidos em um cenário singular, o qual contempla a problemática da adolescência nos dias de hoje.

O cenário contemporâneo

A sociedade atual é bem caracterizada pelos conceitos de *Sociedade do Espetáculo* e *Cultura do Narcisismo* propostos por Debord (1997) e Lasch (1983), respectivamente. Ao explorar esses conceitos, Birman (1999) entende que ambos são considerados variantes da mesma matriz, os quais buscam caracterizar uma forma

inédita de sociabilidade tecida no mundo pós-moderno. O autor indica que a sociedade do espetáculo conjuga a exibição e a teatralidade, através das quais os atores se inserem como personagens na cena social, ou seja, a *persona* necessita de máscaras para desfilar e se ver incluída no cenário social. Com isso, a economia da subjetividade é marcada pela exaltação do eu e pela estetização da existência. Nesse ponto, Birman (1999) entende ser possível relacionar os conceitos de Debord e Lasch. Segundo o autor, na medida em que o sujeito precisa ter uma *performance* sedutora frente ao objeto, não por este, mas para seu próprio enaltecimento, ela passa a exigir uma imagem fundamental para a captura narcísica do outro, a qual denota uma falsa e, ao mesmo tempo, fascinante completude. Essa situação torna o objeto passível de descarte, tal como os diversos produtos dessa construção comprados em lojas ou supermercados e exaltados pela mídia e pela publicidade. Com isso, a individualidade perde seu valor e, por consequência, a alteridade e a intersubjetividade se tornam “modalidades de existência que tendem ao silêncio e ao esvaziamento” (Birman, 1999, p.188). Instaura-se, então, um embate para o sujeito psíquico da atualidade. Por um lado há uma superficialidade das relações, vive-se em *tempos líquidos*, como conceitua Bauman (2003), que expõem a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança e os desejos conflitantes decorrentes do sentimento de apertar os laços e também mantê-los frouxos. Por outro, partindo da proposição psicanalítica, esbarra-se na necessidade de qualidade no encontro com o semelhante, já que é nesse encontro que se concebe a constituição do sujeito psíquico.

A partir dessa compreensão e explorando a influência de marcas da contemporaneidade nas formas das pessoas se relacionarem, fica evidenciado, como bem destaca Maia (2003), um paradoxo: o processo de constituição da subjetividade necessita tempo e a cultura atual exige instantaneidade. Sendo assim, percebem-se,

cada vez mais, relações instauradas em um período primeiro da vida marcadas pela instabilidade e ausência de cuidado do outro com a criança. Isso porque em muitos desses casos existe uma disponibilidade escassa desse outro primordial para se apresentar como objeto de amor e, por consequência, como objeto de identificação para esse bebê. Assim, esse encontro primeiro pode configurar uma vivência de desamparo que adquire um caráter traumático, pelo efeito desestabilizador que provoca no processo de construção do si mesmo. Isso poderá acarretar em importantes repercussões na vida psíquica desse sujeito, em especial na adolescência, visto que nessa fase ocorre um fundamental processo de ressignificação das vivências infantis, em especial aquelas centradas no cerne do eu.

Nessa direção, Cardoso (2001) lembra que nessa etapa da vida existe um ataque ao narcisismo, no qual fica evidente a luta acirrada entre dependência e autonomia no campo da relação com o semelhante. Para a autora, a necessidade desse outro pode ser sentida como ameaça de desamparo e de passividade, fazendo com que, muitas vezes, o jovem lance mão das passagens ao ato. Somado a isso, há uma liberdade maior na sociedade atual, que também leva a uma inquietude narcísica intensa pelo fato do sujeito se confrontar de forma aguda com os aspectos ambivalentes do seu desejo e com a dúvida sobre as suas próprias capacidades e recursos internos.

Assim, a escassez de interditos explícitos faz com que os jovens se deparem com essas contradições que levam a uma tensão interna capaz de gerar um transbordamento no ego, acarretando no uso de defesas arcaicas, com pouca mediação psíquica (Cardoso, 2001). O resultado dessa dinâmica pode ser constatado na ocorrência, cada vez mais alarmante, de situações de risco expressadas em ato na adolescência, que denunciam fragilidade de recursos internos e sofrimento psíquico,

sobre as quais é urgente uma reflexão. Partindo disso, circunscreve-se a intenção desse artigo, no sentido de abordar as manifestações em ato na adolescência, destacando a influência das experiências traumáticas que deixam importantes marcas psíquicas na constituição do sujeito. A intensidade e qualidade desses atos podem ser demarcadas a partir de características próprias da contemporaneidade.

Adolescência: um roteiro desafiador

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento marcada por intensas transformações físicas e psíquicas. Nela está apontado um duplo movimento de saída e entrada, já que ao adolescente não confere mais o estatuto de criança, mas também ainda não é um adulto. Pinheiro (2001) lembra que a adolescência deve ser entendida, na perspectiva psicanalítica, como um momento de retorno para a questão edípica adiada, não podendo se resumir à definição nem pelo viés hormonal, metabólico, de mudança física ou como uma faixa etária. Blos (1995) também contribui com esse ponto, destacando que não se podem marcar as diferentes fases da adolescência por critérios temporais ou referências etárias e é justamente essa extraordinária elasticidade no movimento psicológico que caracteriza a grande diversidade desse período.

A puberdade, como lembra Blos (1995), sempre foi reconhecida pelos observadores do desenvolvimento em suas dimensões físicas e psicológicas, em especial pela maturação sexual, e, por isso, essa fase estaria relacionada de forma direta e causal com as transformações da sexualidade. A partir da investigação e sistematização da primeira infância, segundo o autor, houve uma abertura para o entendimento desses aspectos psicológicos da puberdade os quais são referidos ao se falar em adolescência. Na adolescência, Cassorla e Smeke (1997) apontam que o

indivíduo depara-se com diversos fenômenos intrapsíquicos altamente complexos, que definirão sua identidade particular. Dependendo das vicissitudes que foram contribuindo para a formação do mundo interno desse adolescente, além da sua interação com o mundo externo, ele terá maiores ou menores possibilidades de enfrentamento das demandas dessa fase. A reedição do Complexo de Édipo, o que inclui a revivência das situações infantis e conflitos relativos à díade dependência/independência, dá um colorido especial e singular a essa fase.

O adolescente é, portanto, um sujeito invadido por forças sexuais e agressivas para as quais deverá dar outro destino através da elaboração. Nesse sentido, Macedo, Fensterseifer e Werlang (2010) entendem ser a adolescência um período do ciclo vital no qual o jovem enfrenta intensas demandas pulsionais, biológicas e sociais que acarretarão em transformações significativas no seu mundo intrapsíquico e nos seus processos inter-relacionais. Toda a intensidade da fase pode ser revelada, segundo as autoras, pela palavra “revolução”, justo pelo turbilhão emocional e pelas transformações no cerne do Eu. Sobre esse aspecto, Blos (1995) explica que o transcurso da adolescência não é linear. Movimentos de progressão, digressão e regressão evidenciam-se, mostrando o aspecto transitório dos alvos antagônicos durante essa fase do desenvolvimento.

Ao descrever as “turbulências internas” do adolescente, Pinheiro (2001) salienta que elas advêm do trabalho psíquico a ser empreendido. Tais “turbulências” levam a oscilações de humor e sentimentos ambivalentes em relação às figuras parentais. Isso ocorre porque os objetos parentais, que na infância ocupavam um lugar idealizado, precisam agora sair desse lugar, para que o adolescente busque novos objetos fora do círculo familiar. Assim, o adolescente ainda tenta uma última investida nos objetos edipianos, procurando resgatar uma situação narcísica perdida

na ameaça de castração. A autora lembra que, mesmo que os objetos do mundo atraíam, por serem diferentes, misteriosos, eles não apresentam garantia nenhuma. Sair da infância é, por isso, sair do mundo com garantias e, principalmente, de proteção.

A constituição do sujeito em tempos de excesso: localizando a passagem ao ato

Partindo do entendimento psicanalítico, concebe-se a constituição do sujeito atrelada à qualidade do encontro com o semelhante, cabendo, portanto, refletir a respeito das experiências do campo intersubjetivo desde os tempos iniciais de estruturação psíquica. Nas primeiras vivências da vida, a mãe ou substituta exerce funções fundamentais ao apresentar as experiências de satisfação ao bebê, que precisa ter o momento de “sua majestade”, tal como dizia Freud (1914/1989).

Ainda no contexto de sua Teoria Topográfica, em seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914/1989) discorreu sobre essa fase inicial do desenvolvimento, explicando que o narcisismo infantil está relacionado com os momentos formadores do ego, salientando que uma estrutura como esta deve ser desenvolvida. Nesse texto, o autor coloca o narcisismo primário como um momento fundamental para que a criança possa desenvolver a autoestima e constituir a sua forma de se relacionar com os objetos posteriormente. Logo, entende-se que a configuração narcísica final de um sujeito, no curso normal de seu desenvolvimento, implica considerar a necessidade do ego de contar com investimentos libidinais nele próprio, os quais são essenciais para sua sobrevivência psíquica. Portanto, quando esses investimentos não ocorrem ou ocorrem de forma insuficiente, se farão presentes, no sujeito, importantes efeitos psíquicos.

Essa dinâmica do narcisismo infantil proposta por Freud (1914/1989) introduz a entrada na conflitiva edípica. O processo identificatório, a ser construído nesse momento, diz respeito à entrada do pai na díade mãe-bebê (relação própria do narcisismo), mostrando outra proposta que também pode ser encantadora e curiosa à para a criança, fazendo daquele modelo também um valor seu. No entanto, para haver essa introjeção e apropriação dos princípios, o bebê precisa de elasticidade egoica, sendo que esse processo é relacionado com amor e com renúncia (transformar ego ideal em ideal de ego). A temática do Complexo de Édipo foi bem apresentada por Freud (1924/1989) no texto *A dissolução do Complexo de Édipo*. A partir das formulações freudianas, pode-se entender que a criança precisa reconhecer que perdeu a mãe pré-edípica, fazendo um luto que permite redimensionar a questão narcísica, para acessar um lugar próprio. Esse reconhecimento diz respeito àquilo que precisa ser elaborado durante a conflitiva edípica e a sua dissolução. Nesse ponto, dissolução não significa resolução. Pensando no sentido contido na palavra “dissolução”, a química indica que é a decomposição de um corpo sólido pela desagregação de suas moléculas; em termos jurídicos pode-se pensar em rompimento de um pacto ou contrato, numa associação que se desorganiza pela separação de seus membros ou ainda pela anulação de poderes que antes lhe tinham sido conferidos – dissolução de um parlamento, por exemplo (Weiszflog, 2004). Seja por uma via ou outra, a psicanálise pode se valer desses sentidos para entender que a dissolução do Complexo de Édipo indica que uma relação anterior precisa ser desfeita, desagregada (Ego ideal: díade mãe-bebê) a partir da entrada de um terceiro com uma lei, com uma proposta de novo contrato. No entanto, a separação não configura um fim para essas “moléculas”, apenas uma dispersão que as mantém ali em outro estado. Essas “moléculas”, ou seja, os produtos dessa vivência vão novamente vir à tona na adolescência, oportunizando

assim, uma revivência daquilo que se passou, mas podendo neste segundo momento lhe dar um outro destino, uma outra acomodação interna para o sujeito que por ela passou.

Passando pelos textos metapsicológicos de 1914 até a chegada nas formulações freudianas sobre a conflitiva edípica, mais estruturadas até 1924, é essencial resgatar a chamada virada teórica de 1920. Nesse ano, Freud (1920/1989) publicou o texto fundamental, intitulado *Além do Princípio do Prazer*, que possibilitou novas formas de exploração psicanalítica. Entre elas, sublinha-se a revisão da teoria das pulsões, na qual Freud introduz o conceito de pulsão de morte e a abertura para a consolidação da segunda tópica.

Estabelecendo um paralelo entre o que Freud (1920/1989) propõe sobre pulsão de vida e pulsão de morte, tem-se que a primeira é constituída por energia ligada e, por consequência, teve sua intensidade diminuída e pode ser metabolizada psiquicamente. Já a segunda diz respeito a uma energia desligada, um excesso que busca a descarga e não possibilita um trâmite psíquico. A pulsão de morte compreende não apenas energia externa, referindo-se a situações traumáticas passivas, mas também energia interna, melhor explicitada na formulação sobre o Id na segunda tópica, que será explorada a seguir.

Considerando a proposta de compreender a dinâmica envolvida na produção de atos na adolescência, cabe resgatar o conceito de trauma, a fim de favorecer esse objetivo. O processo de adolecer pode ser visto como um momento que tem em si um caráter traumático pelos conflitos e demandas que nele estão abarcados. Dependendo das condições internas de que o adolescente disponha para lidar com as exigências pulsionais implicadas nesse traumático e das tramitações psíquicas possíveis frente a isso, o jovem poderá ou não elaborar essas questões de forma mais

ou menos saudável. No entanto, no que diz respeito às novas patologias com expressão em ato, torna-se importante diferenciar o fator traumático normal e aquilo que ultrapassa as características dessa etapa. Padrão, Mayerhoffer, Silva e Cardoso (2006) consideram que existe uma linha tênue entre o traumático “normal”, ou seja, que consegue uma via de elaboração, e o “anormal”, que extrapola a possibilidade de representação. Nesse caso, está se falando de uma dimensão destrutiva e compulsiva, um “excesso pulsional transbordante que advém de uma relação excessiva e violenta, em primeiro lugar, com a alteridade interna” (Padrão, Mayerhoffer, Silva & Cardoso, 2006, p. 140-141).

A partir dessas considerações, faz-se um percurso sobre o conceito de trauma na obra freudiana, destacando que esse conceito esteve presente nos escritos de Freud desde os seus primórdios. As primeiras formulações sobre o tema estão relacionadas ao que Freud chamou, junto com Breuer, de neurose traumática. Knobloch (1998) lembra que eles relacionaram a histeria com a neurose traumática, pois entendiam que os sintomas histéricos tinham como causa traumas psíquicos. A autora considera que, quando Freud amplia a concepção de histeria traumática para histerias em geral, faz a analogia do trauma psíquico com um corpo estranho que, ao penetrar no organismo, mantém sua ação patógena mesmo após muito tempo da situação traumática em si ter ocorrido. Partindo disso, chega-se à primeira concepção de trauma: uma situação desencadeadora relacionada com uma vivência sexual precoce que acarretaria em sintomas histéricos. Portanto, todos os traumas teriam natureza sexual, aconteceriam antes da puberdade e se manteriam como um corpo estranho, aprisionados pelas lembranças em função da impossibilidade do sujeito reagir ao evento. Devido a isso, a excitação não descarregada, oriunda desse primeiro momento de sedução precoce, seria reativada por outro acontecimento em cadeia associativa em um segundo

momento, após a adolescência. Sublinha-se que, nessa formulação, Freud não duvidava da questão da realidade da experiência traumática (Knobloch, 1998).

Posteriormente, quando Freud abandona a Teoria da Sedução, escrevendo a famosa carta a Fliess, na qual diz não acreditar mais em suas neuróticas, entende que as histéricas não sofreram um trauma real que levou ao seu padecimento (Freud, 1897/1989). No entanto, Knobloch (1998) ressalta que, mesmo abandonando a Teoria da Sedução, em nenhum momento Freud abandonou o ponto de vista do traumático. A introdução do conceito de fantasia oriundo desse movimento e o consequente conceito de realidade psíquica ampliaram as possibilidades de Freud para abordar outros fatores da etiologia das neuroses, incluindo o valor do fator interno como responsável pela vivência traumática.

A partir da já mencionada virada teórica de 1920, Macedo (2006) considera que foi recuperado o conceito de trauma desde uma perspectiva do violento, do intrusivo, o qual acarreta em uma demanda significativa de processamento psíquico. Nessa direção, Knobloch (1998) refere que, nesse texto, Freud retoma a economia do traumatismo sendo levado a pensar na hipótese de que um excesso de excitação exigiria do aparelho psíquico a ligação urgente dessa energia para que pudesse, então, ser descarregada. Aqui, ressalta a autora, o princípio do prazer, que deveria cumprir o papel de descarregar o excesso de tensão, é posto em xeque pela violência e repentividade do trauma. Igualmente, a angústia não cumpre seu papel de sinal de alarme, que viabilizaria a mobilização de defesas adequadas para dar conta desse afluxo de excitações. Esse afluxo não contido ameaça a integridade do ego, e a forma encontrada para esse excesso ser expurgado é mediante um agir repetitivo que se apresenta sob a forma de compulsão. Para Freud (1920/1989), a compulsão de repetição se apresenta como uma forma de descarga, mas também como tentativa de

representação, já que, na repetição do igual, busca-se o diferente, busca-se a diminuição de intensidade para que, então, a ligação e posterior representação se tornem viáveis. Com isso, entende-se que o traumático não necessariamente é irrepresentável, mas os recursos psíquicos disponíveis indicarão a possibilidade de enfrentamento e processamento psíquico. Vale elucidar, também, a diferença existente entre *acting* e pôr em ato. O *acting* trata de uma compulsão em repetir que explicita a revivência de algo experimentado na série prazer/desprazer. Por outro lado, pôr em ato explicita algo que está na série do além do princípio do prazer (Mayer, 2001; Birman, 2006).

Seguindo essa linha de reflexão e tendo como suporte o texto freudiano de 1920, pode-se entender que aquilo que se configura como traumático sem mediação psíquica busca a descarga ou em ato ou em sintomas no corpo – tais como os sintomas característicos da Neurose de Angústia com predomínio de angústia livre e flutuante, pautado-se na Primeira Tópica – ou, também, tomar o traumático via modelo da angústia automática, segundo pressupostos da Segunda Tópica. Portanto, algo do imediato, factual posto em ato, configura uma descarga direta sem processamento psíquico pelo Ego, não se tornando realidade psíquica (terreno do simbólico). Tal processamento é impedido pela intensidade de excitação que “não dá tempo” ao Ego de metabolizar e de realizar um trabalho de antecipação. Sobre esse tema, Knobloch (1998) considera que “trauma será entendido como a destruição do dispositivo protetor pelas excitações afluentes, será a ruptura nos limites do organismo” (p. 41). Assim, o traumatismo ocorre quando o aparelho não consegue dar conta dessas excitações por não ter mobilizado energia suficiente para estabelecer o contrainvestimento. Para a autora, o trauma “não coincide mais com o recalco, mas

será o que não pôde entrar no psiquismo inconsciente por ausência de ligação, devido à ação da pulsão de morte” (p. 41).

Nesse sentido, uma explanação sobre a constituição psíquica sustentada em aportes da Segunda Tópica freudiana torna-se fundamental, pois oferece subsídios importantes para o entendimento desta debilidade egoica oriunda de falhas na constituição. Essa formulação é mais bem desenvolvida no texto *O Ego e o Id*, no qual Freud (1923/1989) introduz a mudança de concepção metapsicológica, ao criar uma nova tópica mediante a proposta de estruturação psíquica em instâncias: Id, Ego e Superego. Nesse cenário, o ego é a instância que rege o acesso à motilidade, sendo o reservatório de energia, mas é no Id onde se encontra o reservatório pulsional (pulsão de vida e pulsão de morte), a fonte de energia, sendo esta inata.

O início da vida, segundo Freud (1923/1989), é marcado pelo caos: o Id é uma matriz indiferenciada que precisa adquirir forma. Como, então, vai se constituir o aparelho psíquico? Escorado na relação com o objeto externo, pois a complexização do aparelho, alcançada por meio disso, permite a discriminação do Ego. Porém, no início da estruturação, o Ego ainda é frágil para também se configurar como um possível objeto de investimento pulsional. Para suprir essa deficiência, então, é como se ele “deixasse passar” a libido para o mundo externo (objetos) para que, com isso, os objetos externos se apresentem como possibilidade para a identificação primária, disponibilizando energia ao Ego, formando o juízo de existência. Assim, o Ego passa a ser uma unidade e pode tomar a si próprio como um objeto amoroso e receber o investimento pulsional. O mundo externo, portanto, por meio dos objetos que se oferecem ao bebê, vai possibilitar as primeiras inscrições, as quais viabilizam as representações psíquicas que fortalecem o ego. Essas representações, ou seja, energia ligada (pulsão de vida), permitem o processo secundário (pensamento) e as vias de

satisfação pulsional diferentes da descarga pura. É nesse ponto que se pode instalar a problemática advinda das formas de relação na contemporaneidade. A partir do momento que se identifica os objetos primeiros como ineficientes nesse momento inicial, se supõe a presença de lacunas que impedem o fortalecimento do ego, deixando-o mais vulnerável às excitações tanto externas, quanto internas (oriundas do Id).

Esse processo apresenta-se em um *continuum*, já que, quanto mais o psiquismo puder se complexizar adquirindo representações e, assim, mais energia ligada, menos suscetível aos efeitos do mortífero ficará. Isso porque, tal como explica Freud (1923/1989), existe uma relação entre as duas classes de pulsão, que se fundem e se expressam, dessa forma, no mundo externo. A libido passa a ser um fator de fusão pulsional, permitindo uma certa “neutralização” do mortífero e, por consequência, uma forma de expressão mais voltada para a vida. A desfusão pulsional favorece o aparecimento do mortífero, mas expressado ainda com a possibilidade de uma via representada. Por isso, quanto mais energia ligada, pulsão de vida, o psiquismo dispuser, maior a sua possibilidade de fusioná-la com a pulsão de morte, aparecendo sob a forma de agressividade. Quando esse psiquismo é mais frágil, ou seja, com menos recursos desenvolvidos, abre-se o campo para os fenômenos da destrutividade presentes na nudez da pulsão de morte, os quais aparecem nas manifestações em ato.

O espetáculo acabou: expressão em ato e dor psíquica na adolescência

Partindo do objetivo de explorar as manifestações em ato na adolescência contemporânea, torna-se importante retomar pontos já apresentados neste artigo – adolescência, constituição psíquica e marcas da contemporaneidade, somando-os aos

elementos específicos dessas manifestações. Circunscrevendo esse problema, Pinheiro (2001) considera que a sociedade atual, marcada pelo consumo, oferece modelos de Ideal de Eu para se alcançar a felicidade que não se sustentam, pelo fato de estarem pautados em se ter um punhado de coisas, de imagens estáticas sem valor nenhum. Assim, ao invés de um modelo de como o sujeito deve *SER*, passa-se para o que o sujeito precisa *TER*, para ser uma imagem. Somado a isso, a autora coloca que o mundo pós-moderno, com suas mudanças como feminismo, globalização e hegemonia neoliberal, impõe ao adolescente uma nova maneira de se constituir subjetivamente. Percebe-se, ainda, que

o mercado de consumo destinado a essa faixa etária está voltado para a indústria do espetáculo, da produção de imagens com ou sem som, colocando o consumidor na posição passiva de espectador ou de agente anônimo dos internautas e seus 'chats' (Pinheiro, 2001, p. 78).

Nesse cenário, a oferta de prazer é constante e, ao mesmo tempo em que tudo parece possível, nada parece ser o suficiente. Ao encontro disso, Palmeira, Mayerhoffer, Marz e Cardoso (2006) ressaltam que, independente do que se faça, o prazer passa rápido demais, pois com a mesma rapidez que as informações são geradas a ilusão de satisfação se desfaz.

O jovem, frente ao cenário contemporâneo, fica com poucas alternativas para a fantasia e para construir ideais menos opressores. Mayer (2001) explica isso salientando que, quanto mais narcísica for a instância do Ideal de Ego, mais distante da realidade o sujeito se encontrará e mais primitivas serão as defesas que o ego mobilizará para fugir da angústia. Segundo o autor, quando chegam à adolescência, momento no qual é fundamental que o sujeito possa renunciar ao seu lugar na família para conquistá-lo na sociedade, os jovens se deparam com um vazio com o qual não

sabem como lidar. Paralisam-se justamente pela incapacidade de sentir seus próprios desejos e por serem exigidos a cumprir grandes metas nas quais não veem sentido, ficando transbordados por angústia.

O resultado disso pode ser percebido nas novas manifestações psicopatológicas. Savietto (2007) refere que as manifestações em ato trazem a dimensão do traumático no campo do irrepresentável. A autora entende que essas novas manifestações psicopatológicas são regidas por uma economia do trauma que coloca em xeque a integridade do psiquismo, “são caracterizadas – dentre outros aspectos – por uma tendência do aparelho psíquico a responder ao excesso de excitação por meio da compulsiva repetição de algum tipo de ação, numa tentativa de manter seu equilíbrio” (Savietto, 2007, p.440). Na mesma direção, Mayer (2001) salienta que, nos últimos anos, se evidenciam patologias como as adições, as chamadas doenças psicossomáticas e os transtornos alimentares, que ocupa um lugar de destaque “uma forma de atuação na qual parece funcionar uma espécie de curto-circuito entre o impulso e a ação, pulando-se o processamento psíquico” (Mayer, 2001, p.82). Essas modificações promovem também, segundo o autor, uma prevalência de ideais narcísicos (Ego Ideal) sobre os ideais simbólicos que balizam o Ideal de Ego. Além disso, levam a um grande empobrecimento das formas de elaboração de situações conflituosas que são recusadas por diferentes caminhos mentais, químicos ou cirúrgicos, e, especialmente, a um avanço de crenças primitivas que se expressam mais representativamente via ação do que via pensamento ou palavra.

Nesse contexto, é importante recuperar a noção freudiana de desamparo, a qual é trazida de forma concreta a partir da incapacidade do bebê de sobreviver por suas próprias forças, sem a ajuda de um objeto externo cuidador (Pereira, 1999). No entanto, Pereira (1999) refere que Freud entendeu o desamparo como uma dimensão

fundamental da vida psíquica, indicando os limites e condições de possibilidades do processo de simbolização e de linguagem. Sobre isso, Laplanche e Pontalis (2004) reforçam que a prematuração do ser humano justifica a grande influência do mundo externo em si, sendo o objeto o único que poderá proteger o bebê dos perigos oriundos da substituição da vida intrauterina, possibilitando, também, a diferenciação psíquica. Partindo desse fator biológico, se estabelece a necessidade de ser amado, a qual nunca mais abandonará o homem.

Desse modo, ao considerar o estado de desamparo como essencialmente humano e determinante em termos de estruturação psíquica, relaciona-se essa condição ao conceito de trauma, visto que, segundo Dockhorn, Macedo e Werlang (2007), ele passa a ser entendido como caracterizando uma situação de invasão de quantidades, estímulos, experiências que o psiquismo não consegue processar. Aqui, seja na ordem do excesso de ausência ou no excesso de presença, o conceito de trauma refere-se, segundo as autoras, ao impacto daquilo que escapa ao universo representacional do sujeito, pela sua magnitude e intensidade.

Partindo da noção de desamparo, cabem algumas colocações sobre as configurações familiares da atualidade, nas quais o desamparo também pode ser evidenciado de diferentes formas, seja pelo excesso de presença ou de falta. Mayer (2001) pondera que toda criança precisa ocupar um espaço dentro do universo afetivo dos pais para poder se desenvolver com saúde e construir, a partir daí, sua personalidade. Ou seja, o bebê precisa de um encontro marcado pela diferença, mesmo que não reconhecida por ele, um encontro de quantidades que se repetem, mas que não são as mesmas. Essa repetição e contiguidade proporcionam as marcas, inscrições, registros sustentados na ternura, confiança e alteridade do cuidador. São essas marcas que possibilitarão que depois a criança tenha a mãe internalizada,

podendo suportar a sua ausência. Portanto, quando se fala em um excesso que o sujeito não tem como metabolizar, se está falando justamente da falta dessas condições de ternura, confiança e alteridade. Com isso, tem-se uma fratura na base da narcisização por esse sujeito não ter experimentado o desejo do outro.

Hoje é difícil reconhecer e admitir a castração para o outro. Admitir que não se é completo. A cultura contemporânea faz uma confusão igualando castração à impotência, quando na verdade castração é igual a diferença, e não a desvalor. Em função disso, Mayer (2001) refere que, hoje, se percebe um número maior de pais que se preocupam mais em encher seus filhos com objetos de última geração do que em proporcionar-lhes um espaço na sua vida anímica, onde poderiam se desenvolver como seres diferenciados. Pais que buscam, a qualquer preço, impedir o registro de falta no seu filho idealizado, obstaculizando a possibilidade de estruturação do desejo infantil, fundamental para o desenvolvimento humano, para o reconhecimento e para o amor ao semelhante. Essa falta de desejo na infância e, posteriormente, na adolescência, ficará registrada como apatia e aborrecimento que serão “combatidos” por exteriorização como atuações transgressivas ou como trágicas passagens ao ato – acidentes, suicídio, crimes, etc. (Mayer, 2001).

Gaspar, Lorenzutti e Cardoso (2006) conferem à expressão *passagem ao ato* uma forma de atuação na qual o sujeito passa de uma posição passiva para ativa, do ponto de vista psíquico. Assim, explicam as autoras, o ato passa a ser uma espécie de encenação do sujeito, a exteriorização de algo interno, numa tentativa precária de sair da passividade psíquica. Essa dinâmica pode acabar em extremos proporcionais à incapacidade de dominar e elaborar os excessos pulsionais oriundos da vivência traumática, por exemplo, a possível dinâmica de alguns casos de suicídio.

Pode-se fazer uma relação entre a precariedade presente nessas manifestações, com a precariedade, ainda normal, nas formas do bebê se comunicar. Num primeiro momento da vida, no qual as palavras ainda não estão disponíveis de forma mais evoluída, a criança mostra, apresenta, faz. Da mesma forma, essa via de expressão é a possibilidade encontrada para esses sujeitos frágeis em recursos se colocarem diante das suas vivências.

Todas essas manifestações em ato, segundo Mayer (2001), delatam os efeitos de uma atitude parental complacente que, amparada pela cultura, deixa de lado a imposição de limites eficazes, levando a adolescentes que não respeitam a autoridade parental e não têm o ambiente propício que sirva de suporte para o desenvolvimento de sua identidade. Somado a isso, a violência e a insegurança social acabam sendo reproduzidas no núcleo familiar, onde a coesão e a comunicação entre seus membros foram perdidas. Assim, perdem-se a autoridade parental, a tradição e os ritos familiares, além da substância dos laços afetivos.

Como bem destaca Jacques André (2001), “quando o mundo interno excede a capacidade de simbolização, denunciar o exterior passa a ser o único recurso. A invocação de fora permite desviar-se do lado de dentro” (p.30). Assim, a adolescência, por ser um tempo fundamental no processo de ressignificação da identidade, explicita dramaticidade quando há nela o predomínio de condições traumáticas e de desamparo.

Considerações finais

Desde o início da Psicanálise, a técnica psicanalítica vem sofrendo modificações. Da hipnose à associação livre, Freud propôs certas atitudes do analista que possibilitassem o tratamento analítico, sendo que ele próprio muitas vezes

questionou e ponderou os limites da ação analítica. Mesmo assim, sempre mantendo a postura investigativa que lhe era característica, Freud (1913/1989) pôde reconhecer que a diversidade de “constelações psíquicas” possíveis, sendo que a riqueza dessa constatação, não permitia qualquer mecanização seja teórica ou técnica. Hoje, com os elementos próprios da contemporaneidade, a Psicanálise se vê às voltas com desafios que expressam as novas formas de configuração psíquica na contemporaneidade. A capacidade reflexiva perdeu espaço para ações impulsivas ou vazias de sentido, e o ter se constitui como objetivo em detrimento do ser. Vive-se, portanto, um tempo no qual a Psicanálise encontra-se na contramão das demandas ao propor uma prática que convoca para a reflexão e não oferece fórmulas prontas, valorizando sempre a singularidade e a implicação do sujeito na produção de sua história e de sua forma de habitar seu tempo.

Mesmo assim, percebe-se um momento profícuo de diálogo empreendido dentro e fora do campo psicanalítico. Nessa direção, o resgate constante dos aportes da Psicanálise permite o estabelecimento de um espaço privilegiado de compreensão acerca da temática sobre ser um sujeito psíquico.

Considerando a adolescência uma fase na qual existe a possibilidade de ressignificação das vivências anteriores, nela se configura um momento impar de construção e reconstrução de recursos para o sujeito. Portanto, a abertura de um espaço analítico, nessa etapa da vida, significa um cenário no qual toda demanda pulsional pode ser novamente enfrentada. Com isso, fica favorecida a promoção de melhores condições de *ser*, estabelecendo novas vicissitudes pulsionais para o sujeito. Logo, se por um lado a experiência adolescente compreende um tempo naturalmente de crise, com intensidades pulsionais a serem metabolizadas, por outro lado ela

significa uma nova chance para o sujeito de revisão e elaboração de suas questões pendentes, bem como de construção de novos recursos psíquicos.

O reconhecimento do potencial transformador da adolescência se apresenta como motivo inegável na justificada atenção e dedicação dos psicanalistas no sentido de dar acolhida aos questionamentos que têm sua origem na escuta dos padecimentos adolescentes. Logo, as inquietações teóricas e técnicas desses profissionais são recursos fundamentais para a efetiva promoção de conhecimentos que ampliem não só o entendimento da dinâmica psíquica da adolescência, as configurações de suas conflitivas, mas, também, sustentem projetos terapêuticos que promovam investimentos de Eros a seus analisandos. Assim, esses jovens podem ter viabilizadas novas formas para viver essa etapa tão especial não mais com os traços de uma tragédia, mas, sim, como um espetáculo que atrai a atenção e o olhar do outro pela via da admiração e reconhecimento de valor.

Referências

- André, J. (2001). Feminilidade adolescente. In M. R. Cardoso (org), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 29-39). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Azevedo, F. F. S. (2010). *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Bauman, Z. (2003). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Birman, J. (1999) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Blos, P. (1995). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cardoso, M. R. (2001). Adolescência e violência: uma questão de “fronteiras”? In M. R. Cardoso (org). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*(pp. 41-53). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Cassorla, R. M. S., & Smeke, E. L. M. (1997). In D. L. Levisky (Org.). *Adolescência e violência – consequências da realidade brasileira*. São Paulo: Artes Médicas.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dockhorn, C. N. B. F, Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da psicanálise. *Revista Barbarói*, 27, 25-42.
- Freud, S. (1897/1989). Carta 69. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 309-311). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-228). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913/1989). Totem e tabu. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp.17-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1989). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S (1920/1989). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923/1989). O Ego e o Id. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago

Freud, S (1924/1989). A dissolução do complexo de Édipo. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1927/1989). O futuro de uma ilusão. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.15-80). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/1989). O mal estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.81-170). Rio de Janeiro: Imago.

Gaspar, F. L.; Lorenzutti, P. S. & Cardoso, M. R. (2006) Trauma e representação: estudo de um caso clínico. In M. R. Cardoso. *Adolescentes* (pp.147-156). São Paulo: Escuta.

Knobloch, F. (1998). *O tempo do traumático*. São Paulo: Educ.

Laplanche, J. & Pontalis, J. (2004). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.

Macedo, M. M. K. (2006). *Tentativa de suicídio: o traumático via ato-dor*. Tese doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Macedo, M. M. K., Fensterseifer, L., & Werlang, B. S. G. (2010). Resignificações no processo adolescente. In M. M. K. Macedo (Org.), *Adolescência e psicanálise – intersecções possíveis* (pp. 55 - 71). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Maia, M. S. (2003). *Extremos da alma*. Rio de Janeiro: Garamond.

Mayer, H. (2001). Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In M. R. Cardoso (org), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 81-101). Rio de Janeiro: NAU Editora.

Padrão, C. B.; Mayerhoffer, E. L.; Silva, P. C. M. da & Cardoso, M. R. (2006) Trauma e violência pulsional: a adolescência como situação limite. In M. R. Cardoso. *Adolescentes* (pp.25-43). São Paulo: Escuta.

Palmeira, C. G.; Mayerhoffer, E. L.; Marz, N. M. & Cardoso, M. R. (2006) Desamparo e Melancolia na adolescência contemporânea. In M. R. Cardoso. *Adolescentes* (pp. 157-168). São Paulo: Escuta.

Pereira, M. E. C. (1999). *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta.

Pinheiro, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso (Org), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 69-79). Rio de Janeiro: NAU Editora.

Savietto, B. B. A. (2007) Passagem ao ato e adolescência contemporânea: pais "desmapeados" filhos desamparados. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*; 10(3), 438-453.

Weiszflog, W. (2004). Dissolução. *Michaelis Língua Portuguesa – Moderno Dicionário*. São Paulo: Editora Melhoramentos.

SEÇÃO EMPÍRICA

**A MANIFESTAÇÃO EM ATO NA ADOLESCÊNCIA: TESTEMUNHO DO
DESAMPARO**

A manifestação em ato na adolescência: testemunho do desamparo

Introdução

A adolescência pode ser compreendida como um período no qual o jovem deverá enfrentar intensas demandas psíquicas. Segundo Penot (2005), a adolescência denota uma mudança de regime pulsional, pautado pela puberdade, que consagra a ruptura com a infância. O autor considera que a entrada na adolescência caracteriza-se pelo processo pubertário, já a aquisição do estatuto de adulto é dada por critérios sociológicos.

Partindo da constatação de que as formas de subjetivação estão necessariamente atravessadas pelas questões culturais, cabe uma reflexão aprofundada sobre os elementos próprios da adolescência permeados pelas marcas da atualidade. Sustentando essa afirmação, Maia (2003) refere que, tanto em relação à identidade coletiva, como em relação à identidade individual, cada época traz consigo um ideário do que pode ser esperado das individualidades. Logo, mesmo sem cair em determinismos que se afastem do entendimento psicanalítico pelo valor que este atribui à singularidade, pode-se delinear uma compreensão profícua acerca da adolescência contemporânea.

Nessa direção, o cenário do processo de adolecer na contemporaneidade é atravessado inevitavelmente por especificidades sociais e culturais que configuraram diferentes organizações psíquicas. Ao afirmar que essa problemática é caracterizada pela complexidade, Birman (2006) ressalta que nela está pressuposta uma infinidade de temas, todos com uma consistente relevância. Dentre eles, ressaltam-se as manifestações em ato, as quais evidenciam padecimentos impeditivos à vida do sujeito como ser psíquico, no sentido de não poder usufruir com autonomia e bem-

estar de seus recursos, tanto no que se refere ao campo intrapsíquico, quanto nas searas da alteridade. Logo, torna-se fundamental compreender as expressões da dor psíquica via ato no cenário da adolescência de hoje, identificadas por meio de comportamentos de risco, tais como adições, compulsões e delinquência, a fim de favorecer a construção e o estabelecimento de recursos preventivos e facilitadores à promoção de boas condições de vida. Tal consideração emoldura o objetivo deste estudo, o qual propõe uma reflexão sobre esta modalidade subjetiva tão limitante às condições singulares do sujeito e à possibilidade de satisfação na sua vida. Esse objetivo foi buscado a partir de relatos de adolescentes que, aprisionados nos padecimentos oriundos dos excessos de suas histórias, encontram no ato a expressão daquilo que os ataca desde dentro.

A constituição psíquica: um sujeito a devir

A proposta de constituição de um sujeito psíquico para a Psicanálise foi desenvolvida por Freud desde os seus primórdios, indo de seu texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, de 1895, passando pelos textos metapsicológicos e sociais, até seus últimos escritos. Anos se passaram e este continua sendo um tema de destaque nos estudos psicanalíticos, dado que se trata de um complexo entramado de elementos que dizem respeito ao terreno individual, mas que também se veem atravessados pelas mudanças pelas quais a humanidade está constantemente passando.

O processo de constituição psíquica, segundo Freud (1895/1989), tem seu início no nascimento. A partir de sua proposta etiológica para a origem da psicopatologia, o autor entende que o processo de estruturação psíquica deva ser vivenciado, sendo o encontro inicial e primordial do sujeito com o semelhante materno ou seu substituto o ponto central para que esse processo se torne possível.

Após a elaboração de textos-chave como *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1989), *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1989) e *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud, 1914/1989), o criador da Psicanálise discorre sobre o processo que leva à estruturação egoica e à importância da qualidade do encontro com o semelhante para tal. No artigo sobre o narcisismo, Freud (1914/1989) salienta que uma estrutura como a do ego deve ser desenvolvida, entendendo o narcisismo primário como uma fase no curso regular do desenvolvimento humano. O conceito de narcisismo, portanto, passa a contemplar um momento fundamental para que a criança possa desenvolver a noção de si mesmo, os investimentos próprios da autoestima e as formas de investir posteriormente nos objetos.

A configuração narcísica final de um sujeito, no curso normal de seu desenvolvimento, implica em que o ego seja tomado como objeto libidinal do outro e, a partir disso, possa tomar a si próprio como objeto de investimento. Assim, fica viabilizado o nascimento de um sujeito psíquico. Logo, para a sobrevivência psíquica e modalidades de constituição da subjetividade, a qualidade que marca esses tempos fundamentais do ego são, inegavelmente, importantes. Frente à ocorrência de boas condições de narcisização, ou frente à insuficiência de investimentos, entende-se que as vicissitudes do sujeito estão, indelévelmente, marcadas por este tempo primeiro e suas especificidades.

A importante renúncia infantil ao narcisismo, a fim de que se torne possível o acesso ao terreno da alteridade, necessita de uma intervenção parental. Essa intervenção é nomeada por Mayer (2001) de *ação identificante primária realista*, tendo esta uma função psíquica estruturante, pois introduz o Princípio de Realidade através da contribuição da mãe e do amor parental. É pelo estabelecimento do

Princípio de Realidade que o ego vai criando condições para postergar a satisfação pulsional. No texto *Mal-estar na civilização*, Freud (1930/1989) constrói uma interessante argumentação sobre o processo civilizatório e possíveis associações com o processo de constituição psíquica do sujeito. Nesse texto, o autor questiona o porquê do sujeito se manter em civilização, se esta lhe impõe limites e sacrifícios à sexualidade. A equivalência disso no âmbito individual corresponde ao questionamento sobre o porquê do bebê renunciar ao espaço narcísico e ingressar na conflitiva edípica. A resposta para isso é dada por Freud (1930/1989), ao considerar que o sujeito troca uma parcela de felicidade pela segurança e amor do objeto primordial. Desse processo, advém a instância superegoica, nomeada como herdeira do Complexo de Édipo.

Ao encontro disso, Mayer (2001) assinala que o filho não pode se manter na posição de objeto de amor indefinidamente, sendo necessária a passagem de Ego Ideal para Ideal de Ego. Este último se torna possível a partir do processo de identificação, o qual permite à criança internalizar aspectos parentais que viabilizarão o reconhecimento e acesso à alteridade. No entanto, Mayer (2001) pondera que, a partir do ego ideal e do narcisismo parental, o filho poderá ser identificado também como um ideal idolatrado, ou, por outro lado, situar-se num ideal desprezado por não conseguir encarná-lo. Tal configuração pode levar a uma estrutura inconscientemente cindida, irrepresentável ou povoada de representações narcisistas, cuja principal forma de descarga é a compulsão à repetição.

O impacto da conceituação do narcisismo foi tamanho na obra freudiana, que implicou em ampliações e revisões, por parte de Freud, de propostas que haviam sido feitas até então. Uma dessas reformulações refere-se, justamente, à própria dualidade pulsional. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1989)

desenvolveu o conceito de pulsão com o modelo da pulsão sexual, voltada para o conflito. A partir da noção de narcisismo como uma etapa própria do desenvolvimento da libido, foi necessário repensar a Primeira Teoria das Pulsões, uma vez que as pulsões sexuais também estavam no Eu, colocando em xeque a dualidade pulsional: pulsões sexuais X pulsões do ego ou autoconservativas.

No texto *As pulsões e seus destinos*, Freud (1915/1989) discorre sobre esse aspecto demonstrando que, no início da vida, a pulsão não se estabelece como algo que tem uma meta e um objeto. Inicialmente, a pulsão é uma energia livre tendente à descarga, mas ainda não à satisfação. O bebê precisa de um objeto organizador, a mãe ou substituta, que lhe apresenta o que é satisfação, ou seja, como descarregar efetivamente a tensão gerada no corpo. A partir disso, a satisfação pode ser buscada pelo próprio sujeito.

Em 1920, no texto *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/1989) apresenta o conceito de pulsão de morte. A partir das argumentações feitas nesse artigo, é possível concluir – em acordo com os pressupostos do Projeto de 1895 – que o Princípio do Prazer não existe desde o início da vida, já que neste primeiro momento a pulsão é tendente à descarga. Seguindo essa linha de pensamento, constata-se o papel fundamental do outro na constituição do sujeito, uma vez que esse outro é quem vai possibilitar a inscrição de marcas psíquicas de satisfação que serão buscadas posteriormente. O que ocorre em muitas das novas configurações psicopatológicas da atualidade é que, nelas, a modalidade inaugural de encontro com o semelhante, que deveria ser uma via facilitadora de organização do Eu, se apresenta marcada pela instabilidade e pela indiferença, acarretando em falhas e, assim, denunciando a fragilidade psíquica (Moraes & Macedo, 2011). Dessa forma, a qualidade daquilo

experimentado de forma fraturada nos encontros iniciais leva sua intensidade para o campo dos investimentos exogâmicos.

A adolescência contemporânea e a passagem ao ato

A adolescência é uma etapa na qual as vivências infantis terão a possibilidade de serem revistas e, assim, ressignificadas. Segundo Cardoso (2001), a adolescência sugere um violento ataque ao narcisismo, abrangendo um significativo processo de luto em relação à vida infantil, o que acarreta em diferentes níveis de perda. O campo da relação com o outro é solicitado de forma especialmente intensa, pois nele “se trava acirrada luta entre o que é da ordem da dependência dos objetos e o que é da ordem da busca da autonomia” (Cardoso, 2001, p. 51). Nessa etapa, estão atrelados conflitos intensos, como a reorganização das identificações, o luto das figuras dos pais da infância, além de um enfrentamento narcísico e de uma repetição da vivência de desamparo, os quais vêm incrementados pelas características atuais. Estas podem ser compreendidas a partir do que Bauman (2007) explicita sobre os tempos líquidos, no qual estão presentes o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade. Maia (2003), ao recuperar as propostas de Bauman, refere que a contemporaneidade é marcada por imagens de si mesmo não mais como uma construção identitária, mas sim como uma coleção de instantâneos. Essa configuração, segundo a autora, clama pelo esquecimento em detrimento da lembrança, já que é preciso esquecer para manter-se conectado o tempo todo às novas imagens permanentemente apresentadas e reivindicadas como possibilidades de consumo. Maia (2003) entende que esse traço contemporâneo leva a uma exacerbação do grau de incerteza, já que não se pode mais contar com nada anteriormente construído.

Assim, frente ao cenário contemporâneo de uma cultura performática, de um ideal de completude e da demanda para estar sempre pronto para o próximo desafio, fica quase inevitável o incremento de sentimentos como desamparo e insegurança, no mundo do adolescente. Isso porque, naturalmente, as transformações próprias da puberdade, as quais demandam que o Ego realize uma reorganização subjetiva em planos diversos, se veem incrementadas por um cenário onde parecem não existir parâmetros de referência e amparo na vigência dessa reestruturação do si mesmo.

Nesse contexto, os pais encontram-se igualmente perdidos diante de uma nova ordem familiar pós-moderna, na qual lhes falta o ponto de equilíbrio entre seus projetos existenciais singulares e o exercício de um cuidado familiar (Birman, 2006). Por consequência disso, existe uma fragilidade de investimento afetivo que acarreta em desdobramentos nefastos no desenvolvimento dos filhos. Os pais, que deveriam se apresentar como objetos de amor e de identificação, se ausentam e deixam um vazio que trará importantes repercussões. Birman (2006) assinala que esse vazio é preenchido por agendas cheias de atividades complementares à aula ou, no melhor dos casos, por empregados, os quais não têm a mesma incidência afetiva das figuras parentais.

A adolescência evidencia, portanto, um momento crucial que envolve um complexo movimento para uma nova condição subjetiva. Perpassando essa etapa, percebe-se o ideário pós-moderno, o qual, segundo Maia (2003), pode ter como um dos possíveis efeitos um processo desestabilizador, traumático, das construções subjetivas, em função da brusca ruptura entre o que estava em voga no ideário moderno e o que está presente na cultura atual. Na mesma direção, Macedo, Monteiro e Gonçalves (2010) ressaltam que os efeitos da contemporaneidade podem significar

uma desmesura do que invade o adolescente no seu processo de subjetivação, expondo precariedades nas vias de enfrentamento das demandas próprias de sua vida.

Na busca de desvelar o entendimento sobre os adolescentes com manifestações em ato, retoma-se a proposição de Penot (2005) sobre o *mau sujeito*. O autor indica que esses sujeitos são aqueles que apresentam as sintomatologias ditas de comportamento, as quais caracterizam uma espécie de drama representado indefinidamente. Penot (2005) aponta que para esses jovens torna-se difícil subjetivar-se em um discurso pessoal, encontrando como única alternativa a expressão em atos. Isso coloca o psicanalista em uma posição paradoxal de não poder contar, muitas vezes, com o discurso próprio do sujeito, ficando sem as chaves da condição de alienação da qual ele manifestamente padece.

Ao encontro disso, Lerner (2006), ao apresentar tipos de adolescentes, indica que este adolescente caracterizaria o adolescente do descarte, ou seja, da desorganização. Nesta modalidade de adolescência, em oposição ao adolescente navegador, dotado de plasticidade egoica, o jovem não pode navegar, tampouco construir, ocasionando o colapso de qualquer projeto que inicia. Essa forma de ser adolescente, segundo o autor, denota psicopatologias como depressões, doenças psicossomáticas, fragmentações e adições.

A passagem ao ato denuncia a imaturidade do aparelho psíquico em questão. Segundo Rassial (1999), existe no ato, ainda sem simbolismo, uma tentativa de fazer a ligação da pulsão que, devido à sua parcialidade, fica compulsivamente condenada à reedição. Sendo assim, entende-se que as manifestações em ato na adolescência revelam falhas na constituição do si mesmo que impedem o sujeito de desenvolver a complexização egoica necessária para que o caminho psíquico – das marcas

mnêmicas até as representações – possa ser efetivamente realizado e forneça o alcance à palavra.

Por entender a relevância de refletir sobre a dor psíquica presente na modalidade desses atos na adolescência, buscou-se neste artigo descrever o estudo realizado com jovens que foram encaminhados para atendimento psicológico em uma clínica-escola, a partir de queixas sobre seus comportamentos. Dessa forma, pretende-se apresentar uma compreensão sobre este fenômeno que assola com frequência muitos jovens de hoje, além de oferecer possibilidades de prevenção e de criação de novas vias facilitadoras à promoção da vida.

Método

Entende-se por método, um conjunto de regras estabelecidas para chegar à compreensão de questões constituintes do mundo, em um determinado contexto (Turato, 2003). Portanto, o método é constituído de passos sistematizados que auxiliam a chegar aos objetivos da pesquisa, possibilitando a melhor compreensão possível sobre o fenômeno.

Segundo Nunes (2004), a abordagem qualitativa na condução de uma pesquisa possibilita fazer descobertas, compreender novos significados sobre as questões em estudo, avaliar alternativas. Por outro lado, mantém a possibilidade de confirmação do que já foi visto, revisitando conhecimentos que nunca podem ser entendidos como prontos. Tais postulações vão ao encontro do objetivo principal deste estudo, no qual foram trabalhados dados relacionados à experiência dos adolescentes participantes, utilizando-se aportes de uma teoria amplamente conhecida e reconhecida por seu valor, a Psicanálise.

Diante da identificação da frequência do predomínio das expressões em ato no cenário da adolescência atual, configurou-se a proposta desta pesquisa, a fim de dar conta dessa inquietante realidade. A partir do efetivo acesso aos participantes junto ao Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP), clínica-escola da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAPSI - PUCRS), foi apresentado o Projeto de Pesquisa à sua coordenação. Após sua aprovação, o projeto foi enviado e igualmente aprovado pela Comissão Científica da FAPSI (PUCRS) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS. Depois dessas aprovações, iniciaram-se os procedimentos previstos no estudo, que contaram com a participação de três adolescentes do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos, encaminhados para atendimento no SAPP. Constatou-se, após a triagem realizada, que esses adolescentes evidenciaram comportamentos de risco, manifestados em ato (adições, compulsões ou delinquência), sendo, então convidados a participar da pesquisa.

Para realizar a coleta de dados, foi feita uma série de quatro entrevistas de questões abertas com os participantes e uma entrevista com um responsável. Além disso, foram utilizados os dados da Ficha de Triagem do SAPP, a qual contém dados sociodemográficos, genograma e motivo da busca por atendimento (Anexo II). Os participantes passaram a fazer parte deste estudo somente após a assinatura, por eles e pelos seus responsáveis, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado para este estudo (Anexo I). Cabe ressaltar que o SAPP possui um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido próprio, assinado no final do processo de Triagem por aqueles que aceitarem participar de pesquisas realizadas no Serviço. Mesmo assim, foi elaborado um TCLE específico para esta pesquisa e somente foram considerados como possíveis participantes aqueles pacientes que previamente

assinarem o TCLE do SAPP. Este primeiro termo atendeu a cuidados referentes a ética em pesquisa até o momento da assinatura do segundo termo, específico do presente estudo.

A partir da ficha de dados sociodemográficos, foi elaborada a Tabela a seguir com a caracterização dos participantes.

Características sociodemográficas	Participantes*		
	Vagner	Tiago	Antônio
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino
Idade	15	15	16
Cor	Pardo Claro	Pardo Escuro	Branca
Escolaridade	5ª série do Ensino Fundamental	6ª série do Ensino Fundamental	1ª série do Ensino Médio
Grupo familiar atual (com quem mora)	Irmã e dois irmãos mais velhos	Mãe e padrasto	Mãe e irmã

*Os nomes atribuídos aos participantes são fictícios.

A série de entrevistas e os dados levantados na Ficha de Triagem compuseram o Estudo de Caso de cada participante. Para organizar a série de quatro entrevistas foram consideradas as contribuições de Schuman (1982) e Seidman (1991).

A sequência das entrevistas seguiu os seguintes tópicos: a primeira entrevista buscava dados referentes à história de vida do participante; na segunda foram exploradas as situações nas quais se evidenciaram as expressões em ato; na terceira foram identificados significados atribuídos à experiência em relação à expressão em ato; e, por fim, na quarta entrevista foram levantados aspectos que não tinham sido abordados nos encontros anteriores, além de uma devolução do que foi compreendido pela entrevistadora a respeito das questões abordadas durante o processo. O principal

objetivo desta entrevista final foi auxiliar o participante na construção e/ou fortalecimento de recursos intrapsíquicos para enfrentamento de situações conflituosas, assim como viabilizar maior adesão por parte dele em um processo psicoterapêutico que o ajude a dar novas significações para o seu sofrimento expressado em ato. Em toda a série de entrevistas priorizou-se a atribuição de palavra, ou seja, buscou-se junto ao adolescente abrir vias de reflexão sobre fatos de sua história. Durante o processo de participação dos entrevistados, foi oferecido um espaço de escuta diferenciado no sentido do acolhimento, continência e respeito em relação ao sofrimento trazido pelo participante, além de intervenções facilitadoras e compreensivas frente à dimensão de dor psíquica deste adolescente. Para isso, foram considerados conceitos psicanalíticos fundamentais como recurso de compreensão do material, tais como a especial atenção despendida aos fenômenos transferenciais e contratransferências decorrentes das entrevistas.

Em relação à importância de um tratamento psicoterápico, todos os participantes foram encaminhados para o atendimento no SAPP.

As entrevistas tiveram a duração de aproximadamente 50 minutos, ocorreram na frequência de um encontro semanal e foram realizadas no Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia da Faculdade de Psicologia da PUCRS.

Mediante inspiração nos históricos clínicos de Sigmund Freud, o material coletado foi organizado na modalidade de Estudo de Caso, para posterior análise. A Psicanálise nasceu sustentada na teorização de Freud acerca dos relatos de seus casos. Ele partia da discussão do caso e da descrição da transferência para chegar às suas conclusões teóricas. Isso é muito bem abordado por Guimarães e Bento (2008), que ressaltam o quanto Freud ia além da mera descrição do caso e construía a Psicanálise seguindo a análise e a interpretação de sua clínica. Assim, os autores entendem que o

Estudo de Caso em Psicanálise é diretamente relacionado à experiência clínica, já que é com esta que se abre a possibilidade de um entendimento e posterior construção de sentidos do que se passou. Assim, o Estudo de Caso segue o caminho do *pathos* do paciente, para constituir uma teorização que tem como objeto a memória do Inconsciente. Conte (2004) amplia o entendimento da riqueza do Estudo de Caso em Psicanálise, trazendo que a individualidade do caso, no que se refere à complexa rede composta pelo inconsciente, constituição do psiquismo, alteridade e relação transferencial, armada dentro e fora do sujeito e de suas produções, é o que possibilita um conhecimento criativo e singular bem visível nesse método de pesquisa.

A análise dos dados obtidos neste estudo, organizados em forma de Estudo de Caso de cada participante, foi feita através do método de “Análise Interpretativa”, proposto por Frederick Erickson (1997). Nessa proposta, segundo o autor, a tarefa do pesquisador é descobrir os diferentes estratos de universalidade e particularidades presentes no caso específico estudado, ou seja, quais aspectos são amplamente universais, quais podem generalizar-se a outras situações similares e quais são exclusivos do caso em questão. Dessa forma, o método interpretativo possibilita uma generalização lógica e não estatística, permitindo ao pesquisador buscar fatores universais concretos, organizados a partir do estudo detalhado de um caso específico. Esses fatores universais, segundo Erickson (1997), se evidenciam conforme sua manifestação concreta e específica nas experiências das pessoas, e não em abstração e em generalização estatística de uma amostra a uma população inteira. Segundo Kude (1995), a elaboração de asserções válidas referentes à significância de um evento só pode ser feita por meio da apresentação de situações análogas, ou seja, ligando os elementos-chave a outros como ele ou diferentes dele, do relato das situações

interligadas sob forma de vinhetas e da exposição resumida da distribuição geral dessas situações no *corpus* de dados.

A apresentação das asserções, ilustradas com vinhetas e fundamentadas com comentários interpretativos sustentados na teoria psicanalítica, permite acompanhar o caminho percorrido pelo pesquisador no processo de perceber quais são os detalhes, dentre os vários elementos trazidos no material levantado, que ele considerou proeminentes e os sentidos que lhes atribuiu.

O método de análise de Erickson (1997) viabiliza ao pesquisador interpretativo a possibilidade de aprofundar a interpretação de uma experiência singular e, dessa forma, pôr em questão o que se julga saber a respeito de um dado fenômeno. Isso vai ao encontro do pensamento psicanalítico que presta especial atenção à singularidade do sujeito, buscando maior exploração e investigação, além da compreensão do fenômeno.

Resultados e discussões: apresentação das asserções

Após a análise do material obtido a partir da transcrição das entrevistas, foram identificadas quatro asserções que permitem uma compreensão aprofundada sobre as manifestações em ato na adolescência contemporânea, além da reflexão a respeito das possibilidades de enfrentamento às demandas próprias desse cenário.

Participantes*	Idade (anos)	Manifestação em Ato	Fonte e Motivo do encaminhamento ao SAPP
Vagner	15	Drogadição e Delinquência (roubo de bicicleta)	Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre (pelo processo de guarda do participante para a irmã)

Tiago	14	Delinquência (pichação e violência escolar)	Conselho Tutelar (pelos comportamentos apresentados e pelas faltas na escola, sem o comparecimento dos pais, mesmo estes tendo sido avisados)
Antônio	16	Ideação e ameaça homicida contra a irmã e ideação suicida	A mãe buscou atendimento para o filho (pelos comportamentos agressivos e pelo baixo rendimento escolar)

*Os nomes atribuídos aos participantes são fictícios.

Primeira Asserção: O adolescente com manifestações em ato evidencia uma configuração psíquica precária, com fraturas no si mesmo.

Antônio, ao contar sobre sua relação com a irmã, começa a historiar o lugar que ocupa frente ao outro. A aparente passividade surge como um ingrediente essencial em sua vida. Manoela, a irmã, é um ano mais nova do que ele e descrita pela mãe como “uma menina de temperamento forte”. Para Antônio, ela “é do mal”, fica controlando sua vida, buscando informações que, segundo o adolescente, coloquem a mãe contra ele.

A gente estava vendo televisão e a minha mãe tinha saído com o namorado dela. Eu servi um misto quente, botei o suco no copo e fui comer no sofá. Ela (irmã) estava do meu lado. Eu botei o copo no chão em cima do tapete da minha mãe, e na hora que eu fui levantar, eu chutei o copo de suco e o suco caiu no tapete. Ela começou a dar um ataque de histeria, falando assim: “Ah, vai limpar esse negócio!”. Eu levantei e falei: Vou limpar sim, eu sei. Aí ela começou a me bater. Quando ela começa a me bater, eu fico nervoso, porque ela bate na minha cara, não quer saber nem onde. Eu fiquei em cima dela falando assim: ô, guria pára, porque se tu não parar eu vou te machucar, – “não, tu tem que limpar!”. Não eu não quero saber!. Ela fala achando que manda em mim, não sei. Parece que ela fica querendo mandar em mim, aí fico nervoso com isso. Falei assim: Eu vou te matar. E ela: “Ah, tu não tem

coragem.”. Só que eu não matei, porque eu sabia que depois a minha mãe ia ver aquilo, ia chegar e ia falar; “Cadê a Manoela?”, – Ah, matei ela. Não, não vale a pena fazer isso.

A agressividade, naquele momento endereçada à irmã, normalmente era dirigida contra o próprio adolescente. A fala de Antonio conta desse movimento destrutivo:

Já tentei até me matar por causa do negócio da escola. (...) pensei em pegar uma faca na cozinha e me esfaquear todinho. Pensei: Vou esperar um carro passar e vou me atirar na frente. (...) Fico pensando antes de fazer isso porque, se eu me matasse, por exemplo, lá em casa, tipo me esfaquear com a faca na cozinha, quando a minha mãe chegasse em casa, eu ia estar esfaqueado no chão... Eu fico pensando nela, como é que vai ser quando ela me ver, aí eu não faço isso.

Tiago é um adolescente de 14 anos que foi encaminhado pelo Conselho Tutelar para acompanhamento psicológico. O adolescente vinha faltando a muitas aulas, o que levou a baixas notas escolares, além de estar apresentando comportamentos agressivos para com os colegas. Também ocorreram situações nas quais Tiago foi pego fazendo pichações no colégio e na rua, o que intensificou a exigência da escola no contato com o SAPP.

Descobriram que eu estava fazendo pichação no colégio. Também teve aquelas coisas de ficar no corredor batendo em quem passa. Eu estava sempre fazendo isso. (...) Minha avó me deixava bem solto, fazia o que eu queria. Ela nem ficava sabendo. Agora minha mãe está em cima, mas, no final, acho até melhor.

O caso de Vagner se constitui como um grande desafio à escuta. Ele é um adolescente de 14 anos que chegou para atendimento encaminhado pela psicóloga do Juizado da Infância e da Juventude. Ela está acompanhando o adolescente durante o processo que concederá a guarda do menino à sua irmã mais velha. O pai de Vagner havia falecido há poucos meses, quando ele participou da pesquisa. Já a mãe, abandonou o menino e seu irmão quando estes ainda eram pequenos. A irmã contou que ele foi “conhecer” a mãe há pouco tempo, sendo que o encontro se deu apenas em

função do processo de guarda. O adolescente está enfrentando um processo por roubo de uma bicicleta na cidade do interior do estado onde morava antes do pai falecer. Além disso, contou que fez uso de drogas com os amigos e com um dos irmãos. Sobre o roubo, Vagner conta:

Não teve nada a ver com a droga, nem com o meu pai ter falecido. A gente estava lá parado, falamos em roubar a bicicleta e fomos lá e roubamos (silêncio) Não teve nada, nós decidimos roubar a bicicleta, roubamos e já era.

Com esses atos, os adolescentes evidenciam uma fragilidade psíquica com pouca possibilidade de mediação, na qual intensidades psíquicas não podem ser metabolizadas e transbordam em forma de passagem ao ato. Mayer (2001) considera que na passagem ao ato há uma ação na qual fica expressa a impossibilidade da palavra, justo pela falha no processamento psíquico. Essa fragilidade, segundo o autor, denuncia identificações primárias narcísicas, anteriores a qualquer carga objetual, que acarretarão em organizações inconscientemente cindidas, evidenciando uma impossibilidade de representar. Assim, cabe como modalidade de descarga a compulsão à repetição governada pelo Nirvana e que clama por um ato que escoe o mais rapidamente possível toda a tensão.

A ameaça feita por Antônio à irmã pode ser entendida a partir do que Cardoso (2001) refere, de uma entrevista realizada com Jean Laplanche, na qual o autor considera que a agressividade em relação ao outro diz respeito a uma reação à agressividade destinada contra si mesmo. Esta, por sua vez, explicita fundamentalmente a agressividade da sexualidade que o sujeito não consegue dominar. Já, sobre a ideação suicida, pode-se dizer, segundo Mayer (2001, p.94), tratar-se de “uma precipitação a um ato extremo tendente a terminar com uma vida que tinha perdido o sentido”.

Os atos delinquentes de Tiago e de Vagner podem ser entendidos a partir das colocações de Penot (2005). O autor refere que, muitas vezes, ao identificar jovens destrutivos e com comportamentos delinquentes, fica-se com a impressão de que eles se entregaram a uma intensidade pulsional irreprimível. Esses jovens reproduzem compulsivamente seus atos delinquentes tão logo cesse o cuidado do adulto referente. Nessa direção, Penot (2005) assinala que uma constituição de uma fantasia subjetivada vai depender de como a figura parental poderá cumprir com a sua função no sentido de facilitar a operação de simbolização por parte de seu filho. A fala dos participantes mostra uma carência e um desejo de ser olhado e cuidado por seus responsáveis. No caso de Tiago, a mãe, ao buscá-lo para morar novamente com ela, pode significar a possibilidade de que seja endereçado ao adolescente um olhar de cuidado.

A história dos três participantes é marcada pela instabilidade, desorganização e instabilidade da presença parental. No caso de Antônio, os pais se separaram quando ele tinha 7 anos. Nessa época, o adolescente morava em uma cidade de outro estado brasileiro, mas, em função da separação, sua mãe decidiu voltar ao sul, pelo fato de sua família ser gaúcha. O jovem contou que sentia muita saudade do pai e reclamava bastante sobre isso com sua mãe. Depois de um ano em Porto Alegre, Antônio voltou a morar na cidade do pai, junto com a irmã e a mãe. Esta última explica que deixou o menino decidir se queria ou não ficar com ela. Após dois anos, a mãe voltou mais uma vez ao RS, deixando o menino com o pai. Por mais um ano, Antônio morou com o pai, com a madrasta e com o irmão desse novo relacionamento paterno. Porém, ao saber de uma nova gravidez da esposa, o pai do menino explicou que não poderia mais ficar com ele, por questões financeiras. Assim, surge a precariedade paterna de investir. A história de Antônio permite a hipótese de que se trata da falta de condições

de investimento, mas não de ordem financeira. Antônio voltou a Porto Alegre contrariado e, segundo a mãe, nunca mais foi o mesmo, se mantendo mais fechado e tristonho.

Desde pequeno, Antônio era considerado pelos familiares um garoto com problemas, evidenciando traços depressivos. Manoela sempre foi considerada mais autônoma e cheia de energia pelos seus familiares, o que deixava o irmão em um lugar marginalizado. Fica, então, um cenário no qual Antônio não tem um espaço próprio, valorizado frente aos pais e à família. A comparação contínua que o coloca sempre aquém da irmã vai construindo uma noção de si mesmo frágil e debilitada.

No caso de Tiago, essas relações parentais frágeis se apresentam predominantemente pela insegurança, instabilidade e pela falta de modelos identificatórios. O jovem morava com a mãe, na época, mas viveu em especial nos últimos 2 a 3 anos em idas e vindas entre a casa da avó e do pai. Quando estava na casa da avó, ocorreu uma situação que levou a um desentendimento grave entre ele e alguns parentes que moravam no mesmo pátio.

Tudo começou assim, com aquele guri lá de trás da minha avó. Ele não gosta de mim e começaram a tocar umas pedras na casa dele. Aí começaram a dizer que era eu. Eu e minha vó sabíamos que não era. Mas, daí, começaram a tocar pedra, tocar pedra, tocar pedra. (...) Quer saber? Se eles tão me acusando, eu vou tocar uma pedra mesmo... Na hora que eu toquei a pedra, vieram eles e viram. Eu paguei pelas outras todas. Só depois que eu fiquei sabendo quem que jogava. (...) Eu joguei de brabo mesmo. (...) Depois eu fui morar com a minha mãe. Agora eles já sabem que não era eu, mas eu não tenho mais relação com eles.

A situação descrita marca relações instauradas em um clima de desconfiança e aridez de afetos. A avó, que estava como responsável por Tiago, não se ocupou de garantir ao adolescente um lugar seguro frente às acusações que sofria. Além disso, tinha uma postura negligente frente aos estudos e aos comportamentos do neto.

Eu faltava um monte (às aulas), mas minha vó não fazia nada, porque não ficava muito em casa. Daí eu fui trabalhar com pai lá na oficina. Eu já estava bem mal no colégio, quase não dava mais para recuperar, e meu pai disse que agora não adiantava mais, então que eu ficasse trabalhando lá com ele. Aí as faltas aumentaram ainda mais, porque eu ficava lá na oficina. Daí o colégio ficou chamando os meus pais por causa de comportamento e pelas faltas. Como ninguém foi, chamaram o Conselho Tutelar. Daí fui morar com a minha mãe.

Vagner apresenta uma escassez de relações significativas, demonstrando intensa dificuldade de vinculação. O adolescente perdeu o pai, pessoa que, segundo ele, era a única que realmente o incentivava. No entanto, a irmã – atual responsável pelo jovem – relata que era visível a diferença de tratamento do pai em relação a Vagner e ao outro irmão um ano mais velho. Ela justificava isso dizendo que havia uma suspeita de que o participante pudesse não ser filho legítimo do pai. O participante nunca soube a verdade sobre isso e não relacionava essa situação, a princípio, com o fato de a mãe ter o abandonado. Ao ser questionado sobre situações vividas com o pai que o marcaram afetivamente, o participante respondeu que poucas. Em uma nova tentativa no mesmo questionamento, ele disse não se lembrar de nenhuma, e fez um longo silêncio.

Knobloch (1998) sugere que um momento de crise deva ser trabalhado como um tempo em que o campo das representações encontra-se desorganizado e confuso, no qual a prevalência de intensidades pulsionais pode colocar o sujeito em risco. Nos casos apresentados, as demandas próprias da adolescência podem ter intensificado uma debilidade psíquica evidenciada pela carência de representações. Sendo assim, as formas de expressão dos adolescentes sugerem uma vivência primordial no encontro com o outro que não possibilitou a complexização das marcas em inscrições, registros e, então, em representação via palavra.

Na caracterização de Antônio sobre si mesmo, estão salientadas colocações como: “eu não presto para nada” ou “não sei porque meus pais quiseram me ter”:

Eu ficava lá no quarto chorando que nem um doido, queria me matar, ficava em baixo do travesseiro, pensando: Eu nem deveria ter nascido, eu não sirvo pra nada”. Aí teve o dia do Natal, em que estava lá todo mundo, meus primos, minha vó, meus tios e tal. Estava todo mundo lá festejando. Eu não estava, porque eu estava chorando lá no quarto. Meu pai foi lá: “Ah, Antônio, para disso”, – Não, porque eu tenho que morrer. Assim, nessa época eu não completei uma forma de me matar, não foi tão sério quanto no ano passado, eu só pensava, só ficava falando que não devia ter nascido. Falava assim: Ah, pai, por que que foi ter um filho? Ah, ficava falando esse tipo de coisa.

A baixa autoestima demonstra uma relação parental falha na sua função de narcisização. Segundo a psicanálise, o processo de constituição psíquica se dá no encontro com o outro. Freud (1914/1989), em “Sobre o Narcisismo: uma Introdução”, refere que a subjetividade é uma criação narcísica do sujeito e que é o narcisismo das figuras parentais que cria o narcisismo da criança. Ao contar sobre a relação com os pais, Antônio mostra uma relação frágil no sentido de que os pais parecem centrados em si, tendo dificuldades para abrir um espaço psíquico que acolha as demandas próprias dessa função.

Quando eu brigo com o meu pai, geralmente é uma coisa meio sem sentido e eu fico me sinto muito triste. Teve até uma vez que era aniversário do meu avô e meu pai ligou falando: “Por que tu e a tua irmã não fazem um vídeo dando parabéns para o teu avô?”. (...) Quando a gente foi fazer, a Manoela, problemática, não conseguia: “Ah, não está bom!”. Daí eu me irritei e falei assim: Ó, eu não vou fazer mais. E aí a Manoela, como quer me botar também contra o meu pai, falou assim: “Ah pai ele não quer mais fazer o vídeo.”. O meu pai ligou lá para casa todo brabo: “Se você não fizer o vídeo, você comprou uma guerra comigo!”.

A impossibilidade do pai de Antônio acolher o filho gerou uma reação intensa no adolescente, que acabou confirmando aquilo que esperavam dele: o fracasso e a desorganização. Somado a isso, a postura da mãe, ao estabelecer uma aliança com

Manoela, deu corpo a uma triangulação distorcida em sua função, já que elas se colocavam falicamente frente a Antônio, marcando sua impotência.

Quando a minha irmã e minha mãe estão conversando alguma coisa lá no quarto da minha irmã e eu chego, a minha irmã fala: “Sai daqui, merda! Você está com cheiro ruim, vai tomar banho!”, ou sei lá eu o quê. A minha mãe não fala assim no mesmo tom que a Manoela, mas ela também pede pra eu sair. Ela fala: “Sai um pouquinho que a gente quer conversar.”, aí eu saio.

A qualidade da relação parental na vida de Tiago se mostra, também, bastante instável e com carência de modelos com os quais se identificar. O pai, figura que poderia significar um objeto de identificação a favor da saúde psíquica, mostrava um descaso com aquilo que dizia respeito ao estudo, referindo que o adolescente poderia trabalhar na oficina com ele e parar de estudar. Além disso, o jovem ficou várias vezes sem espaço na casa de seus pais e da avó: a da mãe, em função de uma briga com o ex-padrasto, a do pai, em função da madrasta não gostar dele, e a da avó, pela briga com os parentes que residiam ali. Frente à instabilidade nas suas vivências, a mesma inconstância experienciada na “moradia externa” estava presente na “moradia interna”. O participante verbalizava ter medo de voltar a ter os comportamentos que tinha antes, como se não sentisse asseguradas as suas condições de conter os próprios impulsos.

Dependendo, fico com medo, até, que aconteça tudo de novo, porque a maioria dos guris do colégio eram aqueles que faziam as coisas, uns até que não são os que estavam junto, uns que eu não falo mais.

O desamparo instaurado pela via do excesso de falta é o que melhor caracteriza as relações com as figuras parentais na vida de Vagner. O jovem, além de ter sido abandonado pela mãe, estabeleceu com o pai uma relação marcada pela dúvida da legitimidade na filiação. Isso colocava em xeque também outras relações significativas do adolescente, pois, se não fosse filho do pai, somente teria certeza do

parentesco de um dos irmãos (filhos da mesma mãe). Além disso, os modelos masculinos se mostravam inconsistentes, pois o pai era marcado por essa dúvida, um dos irmãos mais velhos estava preso por questões de envolvimento com *crack* e o outro irmão, que poderia representar um modelo um pouco mais adequado, ficava muitos dias sem vê-lo, em função do trabalho.

A vida do adolescente estava atravessada por acontecimentos traumáticos que davam um tom acinzentado às suas experiências. A morte do pai, o abandono da mãe, a insegurança familiar são alguns dos elementos que constituem esse cenário. Segundo Lerner (2006), quando ocorre uma história traumática na vida do sujeito, que lhe impede de ligar os diferentes momentos evolutivos, se produzirá uma descontinuidade na sensação de “ser um”, de sentir um “eu contínuo” com história, com passado, presente e futuro. O resultado disso, como aponta o autor, seria um *self* fragmentado, um eu alterado e um campo para as patologias graves. Isso vai ao encontro do que Vagner mostra durante as entrevistas, já que fica evidente uma dificuldade de expressão, silêncios intermináveis que dizem de uma resistência à fala, por vezes, mas, na maioria das situações, parecem expressar grande um vazio interno.

O adolescente disse que fez uso de maconha algumas vezes, mas que na época não estava mais fumando. Ao contrário dessa afirmativa, a irmã do jovem contou que ele frequentemente chegava em casa com indícios de que estava sob efeito da droga. A dificuldade de estabelecer vínculo e, por consequência, confiar no outro, denuncia uma precária história de relações consistentes. Isso pode ser pensado para entender o porquê de Vagner seguir mentindo sobre aquilo que fazia contra si e que poderia fazê-lo precisar de auxílio para sair desse apoderamento que a droga exercia sobre ele.

Birman (2006) considera que, quando a privação relativa se conjuga com a fragilização e a infantilização, declinando tudo isso em um contexto social de falta de

horizonte para o futuro, não deve causar espanto que a cultura das drogas e a violência sejam as marcas da adolescência de hoje. O autor assinala que as drogas servem de antídotos contra o sofrimento e o exercício da violência, configuram uma resposta ao sentimento de impotência dos jovens frente aos tempos sombrios da atualidade. No caso de Vagner, pode-se entender que os tempos sombrios sobre os quais o adolescente queria dar uma contrapartida diziam respeito à aridez de suas vivências, seja em relação ao abandono materno, seja em relação à morte paterna, ou a outros elementos que emolduravam uma vida marcada pelo sofrimento e dor psíquica.

A irmã do adolescente relatou que já havia vivido com ele uma situação extrema em função do uso de cocaína. Vagner pediu a ela que o trancasse em casa e levasse a chave com ela, para que não pudesse sair e cheirar mais. Esse pedido desesperado mostra que o uso da droga, como refere Maia (2003), se tornou um “compromisso inadiável”, já que a euforia, a felicidade e o bem-estar encontrados sob o efeito da substância rapidamente se desfaz. A autora salienta que a repetição do uso da droga se torna compulsiva pela tentativa de evitar a angústia e, assim, o adicto perde o controle da situação. Não fica viável ao drogado a aprendizagem por meio da experiência vivida e passada. Maia (2003) assinala que fica estabelecida a dissociação entre passado, presente e futuro, tornando presente uma lógica psíquica marcada pelas cisões e dissociações.

Nessas situações, se evidencia um processo de subjetivação no qual a carência na qualidade de investimentos leva a uma repetição mortífera de atos contra si e contra o outro, no sentido do que o outro representa de si. Com isso, denuncia-se um vazio inicial que leva o sujeito a uma inconsistência egoica marcada pelo caos que reproduz o mortífero. Ao encontro disso, Mayer (2001) propõe que em um clima de disputa e incertezas fica evidenciada uma labilidade de vínculos no grupo familiar,

acarretando na perda da nitidez de seus papéis (mãe, pai, filho), o que significa elementos perturbadores para os seus membros, em especial aqueles em desenvolvimento.

O fato de a mãe de Tiago ter retomado os cuidados com o filho faz com que ela se apresente como uma possibilidade de mudança, no sentido de que resgata o filho de um ambiente que não estava podendo se comprometer de forma efetiva com aquilo que demanda um jovem. Ao encontro disso, Lerner (2006) salienta a importância do contexto social, já que entende que o sujeito precise de um ambiente estável e previsível para se integrar e se converter em pessoa. No caso da ausência desse suporte, segundo o autor, pode ocorrer de o sujeito sofrer todos os transtornos derivados das dificuldades para a integração e personalização.

Os participantes relataram cenas de encontros com lugares e condições indiscriminadas e inconsistentes, por evidenciarem uma falsa simetria de funções parentais na relação com os filhos. Em uma das entrevistas, Antônio relatou uma briga com a mãe que revela um cenário pobre em termos de possibilidades de identificação e reconstrução psíquica.

Minha mãe chegou e falou: “Ah, filho, vai lá tomar banho.”. Ela foi pro quarto dela e eu entrei pro meu. Ela falou assim: “Ah, Antônio, vai tomar banho.”. E eu fui brincar e falei: Ah, o mãe, não sou índio, eu sou descendente de europeu. Aí ela já ficou braba já, mas aí não pediu pra eu tomar banho. Como já estava meio que de noite, não tava pretendendo ir pro banho. Só que aí deu um ataque meio que de loucura nela, ela parecia uma criança de dois anos. (...) Ela também tava meio que doente, e aí ela tava com a voz meio que rouca, e eu percebi que ela ficava fazendo um pouco de cena, com aquela voz rouca. Eu falei: Ó, mãe, você tá bem? E ela: “Não, tô bem sim, mas quero que você vá tomá banho.”. Esse negócio me deixou mal. Eu fiquei mal, porque eu não sabia o que minha mãe estava sentindo. Ela estava muito nervosa e ficou chorando, falando que ia ligar pro meu pai.

A escassez de lembranças infantis se faz presente, em especial, nos casos de Vagner e de Tiago. O silêncio que se estabelece frente às perguntas referentes a esse tema evidencia não uma resistência, mas um vazio interno. As poucas lembranças citadas dizem respeito a brigas familiares, situação de violência e de insegurança nos vínculos.

Hornstein (2009) aponta que, para a sobrevivência do bebê, por sua condição imatura, ele depende dos cuidados do objeto, ficando em evidência um duplo movimento de estimular, mas ao mesmo tempo conter a atividade pulsional. Segundo o autor, para que essa contenção seja possível “o ego deve advir como uma rede de investimentos de nível constante” (Hornstein, 2009, p.41). No entanto, o autor pondera que esse desenvolvimento egoico não é construído apenas por maturação, sendo necessária uma ligação que o outro primordial vai viabilizar, na medida em que cuida e ao mesmo tempo se oferece como identificação.

Adentrando no terreno da intersubjetividade, Macedo, Monteiro e Gonçalves (2010) referem que o adolescente pode desvelar a qualidade das relações já experimentadas – história de suas identificações e condições de seu contexto social e emocional – de várias formas, entre elas, através da apresentação dos recursos psíquicos de que dispõe para enfrentar a travessia do mundo infantil ao mundo adulto. Sobre essa travessia, Antônio fala:

É que eu acho isso meio esquisito, estranho, que sempre a mãe acha: “Ah, meu filho cresceu.”. Só que aí ela continua cobrando algumas coisas que era tipo de quando a gente era criança, assim, mandar escovar os dentes e tal.

O processo de crescimento não é apenas produto de uma tendência que se herda, já que se configura como um entrelaçamento de suma complexidade com o ambiente facilitador, seja o contexto familiar ou unidades sociais nas quais se insere o adolescente. Nesses contextos, o adolescente poderá ser imaturo, irresponsável,

inconstante e brincalhão. Já ao adulto cabe a incumbência de acompanhar esses adolescentes. No entanto, muitos adolescentes não podem ser o que de direito eles poderiam ser. A imaturidade se constitui como parte preciosa da cena adolescente que contém traços estimulantes do pensamento criador, de sentimentos novos e frescos, de ideias de uma vida nova (Lerner, 2006). Porém, esse potencial poderá ser desenvolvido mediante um ambiente facilitador que permita este movimento de experimentar em novas experiências, mas ao mesmo tempo saber que existe uma referência parental continente que o acompanha.

As vivências de desproteção dos indivíduos frente a situações de violência e insegurança social terão seu reflexo no âmbito familiar no qual se perderam a coesão e a comunicação entre seus membros (Mayer, 2001). Tal constatação fica bem ilustrada pelos casos pesquisados, os quais trazem à tona relatos sobre um ambiente familiar com a força da autoridade parental inexistente ou enfraquecida, além de uma grande instabilidade em relação à experiência dos laços afetivos. Isso fica claro na fala de Antônio:

Uma vez ela (mãe) tentou me bater. Ela não conseguiu, porque eu segurei a mão dela. Falei assim: Ah, mãe, sei lá o que... Só o meu pai que me bate até hoje, ainda. Só que ele me bate com vassoura. (...) Teve uma vez, nas férias, eu estava com uma roupa, aí meu pai chegou no quarto e me viu com essa roupa e falou: “Não, tira essa roupa que essa camisa tá furada aqui na gola.”. Eu falei assim: Não, pai, tá bom assim. Dá pra usar ainda., – “Não filho, você não vai sair com essa roupa.”. (...) Eu falei: Vou sim, pai, não vai encher o saco! Eu achei que ele tinha parado, só que ele tinha ido pegar a vassoura. Aí ele chegou e deu uma vassourada nas minhas costas. Quebrou assim: Puf!, a vassoura. (...) Achei que ia doer, mas acho que nem doeu como eu achei.

A dor física, frente à dor psíquica de Antônio, perde em intensidade. As formas de comunicação familiar ficam muitas vezes pautadas no modelo de dirigir ao

outro a sua agressividade em forma de ato. Antônio segue esse modelo como uma das vias mais conhecidas de expressão.

A impossibilidade de alcançar uma forma de comunicação mais evoluída em termos de estruturação psíquica se faz presente nas entrevistas dos três participantes. Vagner evidencia uma dificuldade de expressão, poucas palavras e muitos silêncios longos. Tiago demonstra problemas na compreensão sobre o que é perguntado, mostrando uma dificuldade de simbolização, tendo um discurso marcado por “Não sei”. Já Antônio conta dos sentimentos de nervosismo, quando é solicitado a responder alguma questão, em especial no colégio. O adolescente relatou que muitas vezes, durante alguma conversa, tinha uma sensação como se o outro estivesse falando outra língua.

O professor fala assim: “Ah, formula aqui pra mim essa fórmula.”. E tudo que eu tinha pensando aquela hora, quando eu vou falar, não sai. Não sei... Faltam as palavras.

Essas ilustrações explicitam pobreza no processo de pensamento. No *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1985/1989) faz importantes apontamentos sobre o processo do pensamento, dedicando três seções finais da Parte I para elucidá-lo. Partindo desse trabalho freudiano, Garzia-Roza (2004) explica que o ponto de partida para entender esse processo diz respeito à possibilidade de discernimento entre as representações, a fim de construir um estado de identidade. Essa identidade, segundo o autor, resulta da “decomposição de um complexo perceptivo gerada pela dessemelhança entre o investimento desejo de lembrança e o investimento desejo semelhante a ela” (p.165). O autor pondera que, quando se estabelece a identidade entre ambos os investimentos, aconteceria a descarga e não o pensar discernidor ou judicativo. Isso remete ao fato de ser na consideração à diferença que a complexização egoica se torna possível, já que vai criando novas barreiras de contato

que retenham a energia e impeçam que ela se escoe do aparelho em forma de descarga. Nessa direção, Hornstein (2009) contribui dizendo que o ego poderá se desenvolver sustentado na base de ligações entre os sistemas de representações pré-existentes, as quais consistem em investimentos colaterais. A imaturidade egoica, no início da vida, faz com que essa produção de inibições, que propiciará as ligações do decurso excitatório se encontre no outro. Assim, segundo o autor, esse outro irá prover não apenas os recursos de vida, mas também deverá inscrevê-los em sua potencialidade de pulsão de vida.

As dificuldades enfrentadas no colégio foram tema presente nos três casos. Tiago estava mantendo uma postura indiferente aos estudos, sendo que as faltas e os comportamentos violentos na escola fizeram com que o participante quase perdesse o ano. Quando a mãe o buscou da casa da avó, resgatou com o filho a importância do comprometimento com a sua vida escolar.

A maioria das séries que eu rodei foi na primeira, eu rodei duas na primeira e uma na sexta, que foi ano passado. Ano passado também eu estava sentindo medo de amigos, estudei naquele colégio lá três anos, aí eu já estava com conhecidos, já conhecia todo mundo, bem dizer, e, então, fazia tudo errado.

Vagner estava na quinta série aos 14 anos e faltava a muitas aulas, por se sentir isolado na turma, uma vez que era o aluno mais velho. O adolescente teve diversas repetências em sua história escolar.

Eu não tenho ido nas aulas porque não gosto de ir naquela escola. Eu queria mudar pra noite, mas a minha irmã não deixa. (pausa) Ela diz que é perigoso, que tem uma praça que eu tenho que passar, mas não tem como acontecer nada. (pausa) Eu sou o mais velho da turma, então é ruim. Eles ficam tirando o cara, só por causa do jeito que se veste e tal. Acham que a gente é marginal.

Antônio contou que o pior de não é estudar, é estudar e não conseguir ir bem.

Que saco!, eu estudei e não vou bem. Aí meio que me dá um desânimo e eu meio que paro de me esforçar, porque sei que não deu certo. Foi o que aconteceu

nesse terceiro trimestre: eu sei que eu tinha me esforçado, estudado um monte. Até nas férias de julho eu estudei. Estudei, estudei, aí veio as provas e eu não fui bem em nenhuma. Nenhuma eu fui bem! Pô, que saco!, não fui bem em nenhuma prova e estudei um monte! Passei minhas férias todas estudando e não consegui ir bem. Aí, nesse terceiro semestre, meio que fiquei... eu relaxei um pouco, só que eu não podia ter feito isso.

No discurso de Antônio, Tiago e Vagner, fica em evidência a presença de falhas importantes na constituição psíquica, oriundas de uma narcisização ineficaz. A instabilidade no encontro com os objetos primordiais e a incapacidade de nomeação própria acarretam em uma precariedade psíquica que oferece a relevância da primeira asserção construída. Nesse sentido, se propõe a ideia de uma **adolescência nômade**, no sentido de que o sujeito não tem um lugar de origem consistente, seguindo como um andarilho na busca de um espaço para o si mesmo.

Segunda Asserção: Riscos ao devir: ausência de planos, projetos e ideais delineiam um cenário de desesperança.

Antônio se vê engessado a uma nomeação feita pelo outro que o insere em um campo de desesperança em relação às suas capacidades e possibilidades de encontrar novas vias para a sua vida. Os outros, ao nomearem as suas dificuldades de preguiça e falta de vontade, minimizam a sua dor, além de colocá-lo à mercê de um destino de fracasso.

Eu não sei por que eu continuo indo tão mal assim. Isso, sim, me deixa mais triste de pensar em repetir de ano. É uma coisa que eu não quero. (...) Eu sinto desânimo, tudo isso que tu falou, falta de vontade, desânimo, preguiça... Até não é pelo fato do estudar. Não é estudar, é estudar, estudar, estudar, estudar e não ir bem. (...) É nessas situações (fracassos escolares) que me dá vontade de me matar, porque, pô, me faz sentir que eu não presto para nada, então eu vou me matar. Aí eu fico só pensando nisso.

Segundo Macedo (2006, p.236), a tentativa de suicídio decorrente do traumático, da dor psíquica e da passividade do Eu expressa uma “dor excessiva que anula investimentos de vida, ao visar, como única saída, o falso alívio da morte”. Antônio não consegue reconhecer uma outra saída para si mesmo frente ao imperativo de fracasso que o meio lhe impõe, significando uma desmesura sobre a qual ele não consegue elaborar. O ambiente escolar, além do familiar, evoca esse sentimento de desvalia.

A maioria dos casos de rejeição na minha vida foi por causa dos professores, até aquela professora que eu te falei que ela tinha preconceito com gordo ou sei lá o quê. (...) Quando eu estava na primeira série, eu voltei para o jardim. Eu já tinha alguns amiguinhos lá na primeira, mas fizeram eu voltar e eu fiquei lá no jardim três. (...) Aí os meus coleguinhos da primeira série ficavam lá no pátio grande e o jardim três ficava num parquinho. Era meio que sacanagem, que os alunos que eram meus colegas da primeira série ficavam lá rindo da minha cara, no parquinho. Geralmente eu ficava triste por causa disso e, por isso, o meu pai me botou lá na psicóloga. (...) Não tinha nenhum amigo, a única pessoa com quem eu brincava era a psicóloga.

Somado a essa sensação de incapacidade, o adolescente ainda recebeu dos professores e da psicopedagoga indicação de medicações, como se elas fossem a única forma do jovem melhorar seu rendimento.

No começo do ano, eu comecei falando assim: Tá difícil por isso e por isso... quem é o conselheiro da turma? Então tinha o lugar em que os alunos sentam e conversei com ele, para me botarem lá na frente, porque eu tenho esse negócio de Déficit de Atenção e a Dislexia. Agora ele nem me botou nada, nem fez nada. (...) Ele falou assim para mim: “Por que você não toma remédio?”. Aí eu falei: Porque é muito caro, eu não tenho dinheiro para comprar.

Fica marcada a inviabilidade de Antônio recorrer a recursos internos para controlar seus impulsos e suas emoções. Essa responsabilidade é conferida aos remédios que, em qualquer sinal de desadaptação, são considerados por aqueles que o cercam como a saída mais fácil de contenção. Seja via ritalina, seja via ansiolítico, são

propostas saídas que apenas anestesiam formas de sentir e de ser, mas não possibilitam a construção de recursos próprios para o enfrentamento de situações adversas.

Cabe ressaltar que, quando Antônio verbaliza de forma desesperançosa que acredita estar ainda muito longe de melhorar, evidencia um precário estabelecimento de estima de si. Sobre isso, Hornstein (2009) pondera que não importam apenas os investimentos observáveis, mas também as representações advindas destes. O narcisismo é, portanto, para o autor, o que viabiliza ao sujeito a vivência subjetiva de individuação garantida estruturalmente pelo investimento das representações, o que promove o sentimento de unidade e a autoestima.

Nessa direção, a fragilidade egoica explícita em Antônio pode ser clareada a partir do que Hornstein (2009) assinala sobre o desenvolvimento do ego como unidade. Segundo o autor, um ego unificado surge como um efeito da passagem de um estado de passividade e dependência para um estado de atividade e independência. Parece que para Antônio é justamente esse caminho que se vê obstaculizado, levando ao impedimento na sua travessia. Um dos elementos que pode ser considerado como uma dificuldade a ser transposta nesse caminho diz respeito a uma falha no processo identificatório. Ainda seguindo as contribuições de Hornstein (2009), entende-se que esse processo implica no abandono de objetos primeiros que significavam a sustentação da libido objetal e narcísica. O processo identificatório vem a dar conta justamente dessa imposição da realidade em relação à renúncia dos primeiros objetos de amor.

Partindo disso, pode-se pensar em algumas possibilidades de compreensão sobre o que assola Antônio no seu processo de reconhecimento próprio. Quando este tempo primeiro da vida é marcado pela instabilidade, havendo uma carência de

significativos, enunciados e imagens que possibilitariam a identificação, percebe-se uma lacuna no si mesmo que impede o sujeito de alcançar uma nomeação própria. Isso porque, antes da capacidade de nomear-se, o sujeito tem que ter experimentado a vivência de ser nomeado.

Tiago encontra-se em um momento de rever alguns posicionamentos frente à sua vida que até então não eram questionados. Mesmo assim, o desânimo frente a novas possibilidades de investimentos próprios ainda se faz marcante.

Acho que, no final das contas, não adianta mesmo (o tratamento). Acho que é coisa pra louco. Agora é só casa e colégio, casa e colégio. Não estou com vontade, também porque é longe. O Conselho Tutelar disse que eu tinha que fazer uns cursos no Inter, mas é muito longe. Não dá vontade.

Mesmo assim, cabe ressaltar o efeito do cuidado da mãe nas formas de atuação do adolescente. Foi possível sair da dinâmica destrutiva e violenta na qual se via inserido, abrindo espaço para o investimento nos estudos e até mesmo na relação com meninas. Isso vai ao encontro do que Penot (2005) indica sobre os comportamentos delinquentes que tendem a acometer o jovem quando este se vê carente do olhar do outro primordial, lançando mão desses atos como uma tentativa desesperada para superar essa posição parental frouxa e complacente. Ao recuperar o sentimento do cuidado materno, Tiago se vê inserido em um campo afetivo, capaz de viabilizar uma revisão das suas atitudes frente à vida. Por outro lado, cabe reflexão sobre os efeitos da postura do pai de Tiago, que o incentivava a parar os estudos e minimizava a gravidade dos comportamentos agressivos do filho, sendo inclusive negligente às solicitações de sua presença na escola, quando esta o chamava para falar sobre o rendimento escolar e os comportamentos do adolescente. Pode-se propor um possível entendimento, lançando mão do que Penot (2005) explicita sobre pais que não conseguem verdadeiramente confessar suas implicações éticas frente aos filhos.

Segundo o autor, “esses adultos também podem confusamente perceber essas patologias comportamentais da geração adolescente como uma espécie de retorno interpretativo selvagem e persecutório de suas próprias tendências (notadamente sádicas) mal reconhecidas” (Penot, 2005, p.122). Ao encontro disso, Steffen (2006) entende que no campo intersubjetivo dos adolescentes delinquentes existe uma dificuldade na formação de ideais em função da prevalência de modelos externos débeis que comprometem as tentativas de formulação desses ideais.

Ao ser questionado sobre a importância de pensar sobre o que lhe acontece, a fim de construir novas possibilidades para o seu futuro, Vagner diz que não vale a pena. O jovem mostra uma indiferença frente a si mesmo e ao outro, marcando uma precariedade psíquica intensa. A sua postura diante da vida marca uma posição mortífera, tendente ao fim, assim como o de seu pai. A identificação com esse pai morto impede Vagner de vislumbrar projetos e estabelecer metas.

A postura desses participantes frente às suas experiências mostra um jeito de ser como se ficassem **à deriva nas suas vidas**. Não veem sentido nos investimentos futuros e o cenário de desesperança os assola. Antônio e Tiago, em alguns momentos, começaram a ponderar sobre outras modalidades de ser, questionando fatos e suposições que antes eram rigidamente considerados. Seja como Antônio, ao questionar os rótulos recebidos – preguiçoso, incapaz, chato, seja como Tiago, retomando os estudos e reconhecendo a importância da atitude mais voltada para o estabelecimento de relações mais profícuas, fica vislumbrada uma saída para esses adolescentes, a qual permite que esses jovens possam resgatar, ou até mesmo construir a possibilidade de tomar a direção de suas vidas e definir, por eles mesmos, rumos a serem seguidos.

Terceira Asserção: A dor psíquica via ato conta de um padecimento que distorce o que é típico da adolescência.

O discurso de Antônio explana sua condição marginalizada e de exclusão de espaços com potencial de criatividade e transformações típicas da adolescência. Seu sentimento de rejeição marca a forma mais frequente do participante se perceber na relação com os grupos que o cercam.

Chego perto e eles já falam: “Ah, seu chato, sai daqui!”. Eu fico agoniado, aí eu saio. Eu não sei por que, mas acho que é pelo jeito que eu às vezes falo, não sei... Ou, não o jeito que eu falo, não de xingar, porque eu não sou muito de xingar os outros, mas tipo o jeito que eu passo assim, não sei.

O sentimento de pertença a um grupo de iguais é uma das características mais evidentes da adolescência. No entanto, para Antônio esse sentimento não lhe é possível.

Não tenho eles como melhores amigos, mas eu falo com todos. Tem alguns que meio que ignoram, mas eu falo do mesmo jeito. É, eu tento falar. Sei lá... Ah, é meio chato ser meio que rejeitado mesmo. Mas eu comecei a mudar, eu sei lidar com isso, porque eu já fui rejeitado um monte de vezes. (chora) Eu ainda não tinha falado esse negócio que eu tinha me acostumado a ser rejeitado.

A relação com as figuras parentais também é tema central no processo de adolecer. O luto pelos pais da infância se constitui como uma das batalhas a serem empreendidas pelo adolescente. Esse embate parece ainda mais avassalador quando, como no caso de Antônio, existe uma falta de representação das figuras parentais da infância. Sendo assim, fica difícil de elaborar um luto por algo que não se teve. Pode-se associar a dinâmica familiar de Antônio ao que Mayer (2001) ressalta como um déficit de modelos identificatórios na contemporaneidade. O autor assinala a presença de uma figura paterna inoperante e uma forte tendência ao vínculo materno marcado por mães imprevisíveis e intrusivas. O participante conta que:

Quando eu fico sozinho em casa, eu acho melhor. Dá pra fazer mais coisas quando eu estou sozinho. Fico no computador, fico no videogame. Eu faço qualquer hora, eu vou tomar banho a hora que eu quiser, assim. E é bom que ela só chega tarde. Eu faço um lanche. Eu durmo. Eu vou pro videogame de novo. Vou pro computador. Eu desço, fico lá na rua. É, eu gosto por causa disso. Quando a minha mãe tá mais em casa, eu não gosto de fazer muito essas coisas, porque tem muita gente, assim. Eu fico meio que trancado no quarto, vendo TV, essas coisas. Mas aí, quando ela sai eu fico livre, consigo fazer minhas coisas.

Fica encenado um movimento de construção de seu espaço privado, em detrimento do lugar intrusivo da mãe. Mayer (2001, p.89) caracteriza as mães intrusivas como aquelas que exibem “uma tendência para estabelecer uma modalidade de relação materno-filial na qual se destaca o abuso de poder, uma usurpação desse espaço potencial de que o filho precisa para crescer e desenvolver-se como personalidade”. A postura da mãe de Antônio, com os jogos e as manipulações, indica que exista uma fronteira difusa entre o espaço do jovem e o dela, marcada por também por outros pontos que, segundo Mayer (2001), podem caracterizar as mães intrusivas. Entre eles, pode ser associada ao caso de Antônio uma mãe que: inverte o ponto de apoio afetivo, sendo o filho o seu apoio e não o contrário; evidencia uma incapacidade de facilitar a articulação necessária à gradativa passagem em direção à figura paterna e à cultura; além de se apresentar como função materna simultaneamente como tão presente quanto prejudicial.

As descobertas no terreno da sexualidade que são vividas intensamente na adolescência acabam saindo do foco na perspectiva de Antônio, que adota uma postura mais infantilizada ao dizer que:

Eu não sei se eu devo mesmo falar. (ri hesitante) Eu até tenho vergonha de falar, mas meio que eu tenho medo de falar com meninas.

Essa infantilização pode ser entendida como um efeito do que foi descrito acima sobre as modalidades identificatórias de Antônio. Mas também pode ser

acrescida a contribuição de Mayer (2001), que refere que o cenário contemporâneo, somado às características próprias do meio individual, leva a linhas de fratura e fragilidade psíquica dos jovens, acentuadas pelo sentimento de dependência que vivem, o que multiplica os efeitos da sua infantilização. Desamparados no encontro primeiro das suas vidas, os adolescentes repetem isso no processo de identificação com o grupo de iguais. Da mesma forma que o desamparo inicial marca uma violência ao si mesmo, na inserção no grupo de iguais fica o reflexo desse primeiro tempo, seja pela instabilidade e rechaço, no caso de Antônio, seja na ameaça de novos comportamentos de risco, como no caso de Vagner e Tiago. É junto ao grupo de iguais, do qual se esperaria um ambiente facilitador para o crescimento e amadurecimento, que fica mais uma vez atuada a dor. Assim, ao invés de ser um espaço de construção subjetiva, envolvendo momentos de divertimento, o que se apresenta é uma distorção: distorce a ação do grupo que seria de amigos para uma ação digna de “ganguê” (o roubo, a violência, a humilhação e as pichações).

A violência escolar, da qual Antônio era constantemente vítima, acarreta de forma inevitável prejuízos emocionais que acabam ratificando o sentimento de menos valia que o jovem já apresentava, inviabilizando o pertencimento a um grupo de iguais.

Eu fiquei praticamente pelado dentro da escola. Um colega meu tirou minha calça dentro do pátio, e desceu também a cueca, aí eu fiquei pelado. Pelado com a mochila nas costas.

Circunscrevendo essa situação, Birman (2006) afirma que hoje se enfatiza de forma excessiva a rivalidade entre os pares que esvaziam as relações, gerando contornos bem particulares à alteridade. A conseqüente solidão advinda desse fenômeno é marca inegável da vida de Antônio.

Os prejuízos acarretados pelo padecimento de Tiago em relação ao grupo de iguais se apresentam de forma distinta ao caso de Antônio e se aproximam do caso de Vagner. Antônio desejava se inserir no grupo, mas era rechaçado. Tiago e Vagner faziam parte do grupo, mas esse pertencimento conduzia a comportamentos desajustados, levando-os ao afastamento como uma forma de evitação de situações perigosas. A possibilidade de consolidar novas amizades não era considerada, sendo a única forma de enfrentamento encontrada o rompimento com as relações no grupo de iguais.

Com alguns (amigos) eu deixei de falar, porque no colégio a maioria deles dava os problemas aqueles que eu te contei. E, daí, eu saio do colégio e vou direto para minha casa. (...) Não, eu não tenho vontade de andar com eles de novo. Porque, se eu for de novo, vou voltar a fazer tudo, vou voltar a ficar rebelde. (...) Eu sei disso porque eu já andei e já fiquei lá.

O medo de não conseguir conter seus impulsos levava Tiago a se isolar do grupo de amigos, não considerando nem mesmo a possibilidade de procurar novas relações:

Não, não, o meu nome é uma coisa que ninguém vai dizer. Não saio de casa. (...) Por que não posso ser eu o meu próprio amigo? Porque vai acabar acontecendo tudo de novo, eles me levaram para um sério caminho. Nunca acontece de oi e tchau, tchau e oi. (...) Eu não sinto falta de ter convívio com as pessoas. Não, bem dizer, não. (...) É, eu me acordo e vou pro colégio, e do colégio vou pra casa, daí acaba. Acordo e venho pro colégio, bem dizer, também não daria tempo, digamos assim.

O adolescente manifesta um receio de que não consiga se controlar, caso tenha contato com os antigos amigos. A saída encontrada é por uma contenção sem a possibilidade de pensar sobre a situação: nem pensa em sair de casa sem ser para o colégio, nem pensa na possibilidade de estabelecer novos tipos de convívio com as pessoas. Fica impedida a criação de condições internas para conter os impulsos, independente das propostas que os amigos fizerem, dando a possibilidade ao

adolescente de julgar o que lhe parece mais adequado por ele mesmo. A presença materna mais constante pode auxiliar nessa construção. No entanto, é necessária cautela para que essa falsa solução não leve Tiago a deslocar intensidades vividas para outras formas de passagem ao ato.

Nesse cenário, fica a associação de que se relacionar com amigos é fazer tudo errado. A mesma associação é feita por Vagner, que indica os amigos como os “*parceiros*” com quem usava drogas, ficava na rua, segundo sua irmã, “*vagabundiando*” e fazendo com que as experiências fossem somente vividas no aqui e agora, sem uma perspectiva maior. A negligência e a indiferença frente à vida parecem ser traços marcantes do grupo com o qual Vagner se relacionava. A vida sexual de Vagner não apareceu em nenhum momento durante as entrevistas. Não se pode afirmar que o jovem não tivesse experiências dessa ordem, ao contrário de Antônio que verbalizou nunca ter ficado com ninguém, pois o embotamento afetivo apresentado frente a todos os assuntos propostos nas entrevistas pode indicar, apenas, um desinvestimento generalizado de Vagner em relação aos diferentes aspectos da sua vida.

A escassez de objetos capazes de se oferecer como modelos identificatórios denota uma precariedade na forma dos participantes estabelecerem vínculos. O descuido vivido nas relações iniciais se reatualiza no presente, aprisionando os adolescentes a encontros marcados pelo sentimento de desamparo. Assim, o que deveria ser próprio da adolescência fica distorcido na sua função, justo por esse aprisionamento em modelos primordiais falhos.

Quarta Asserção: Um espaço de escuta que abarque novas possibilidades de significados para o adolescente permite transpor o que estava no campo de desarticulação para o campo de articular a ação.

Ao contar de sua experiência com a professora de matemática da sexta série, Antônio demonstrou que, ao se sentir investido por alguém, seus recursos internos, mesmo que frágeis, puderam surgir e dar outra configuração a experiências de alteridade. Com isso, outra condição de investimento libidinal pôde ser reconhecida e ampliada.

Já estudando na sexta série fui aprovado. A sexta foi uma das melhores séries. A professora de matemática, de todos que eu não gostava, ela era a mais atenciosa. Ficava comigo depois das aulas para me passar uns jogos que me ajudavam a aprender.

Assim, um espaço continente de escuta pode favorecer o estabelecimento de novas vias de expressão e de noção de si mesmo. Segundo Penot (2005), a função do psicanalista, no tratamento dessa modalidade de padecimento, é o de acolher o jovem desamparado em um espaço de lugar para viver. Esse lugar, segundo o autor, denota um espaço possível de trocas pulsionais efetivas, constituindo-se em um campo “transicional” no qual o jovem possa encontrar respostas para suas tentativas de enganchamento pulsional. Constitui-se, portanto, um lugar onde a finalidade seja a de viabilizar o nascimento de um discurso mútuo por meio da experiência vivida junto.

A proposta de tratamento psicanalítico pautada na transferência, tal como Penot (2005) indica, permite que, pela formulação da experiência vivida no atual, se possa retomar os registros traumáticos ocultos da história. Com isso, o autor acredita que se leva a sério a repetição agida, entendendo-a como uma manifestação de um agente pulsional carente de subjetivação, oriundo de uma relação significativa

defeituosa nos tempos primeiros da vida. Essas considerações vão ao encontro de outra fala de Antônio:

Eu fiquei pensando: Pô, acho que essas situações difíceis foram só meio que um obstáculo na minha vida, para conseguir experiência, sei lá, alguma coisa. E aí eu vejo que minha vida tem mais coisas para acontecer. Sei lá, eu tava pensando nessas coisas...

Quando se privilegia o espaço de escuta, abre-se para o paciente uma outra condição às suas palavras, que podem ser vistas com sentidos mais amplos do que se pretendia dizer, os quais vão expondo camadas mais profundas e desconhecidas de si mesmo. Aos poucos, Antônio ia se permitindo relativizar a sua visão do si mesmo, podendo reconhecer potencialidades desconhecidas que favoreceriam o alcance de novas vicissitudes a favor da promoção da vida.

Ele (o psiquiatra) falou ontem que, pelo fato que eu comecei, eu mesmo procurei, quis ir lá ver na consulta, ele falou que eu vou ser uma pessoa que sabe, entende, assim, das coisas que acontecem comigo. Porque ele falou também que a maioria das vezes as pessoas não fazem porque não querem, tipo os adolescentes ou as crianças, ou até os adultos. Foi isso, aí ele falou isso, que ele achava que era bem legal.

Em outro momento, Antônio pondera:

Porque eu não ia bem em nenhuma matéria, aí eu achava que eu não servia pra nada, mas hoje em dia eu vejo que mesmo um cara mau, muito mau, serve. Sempre tem alguma coisa que ele serve. Às vezes, o doutor fala isso, que sempre, mesmo se você for mau, sempre tem alguma coisa que você presta para fazer.

Para Antônio, a presença do psiquiatra pode inaugurar uma possibilidade de identificação com o masculino, na qual esse homem anuncia a serventia dele não somente para o que faz para prestar, mas também no sentido do que pode ser para se diferenciar do que ele entende como sendo mau.

Essa nova condição de escuta própria vai constituindo um terreno propício para que, como indica Penot (2005), seja feito um trabalho de conexão psíquica que

possa dar conta da interação pulsional presente, inaugurando para o jovem uma função de sujeito de sua fala e de seus atos.

A disposição, tanto de Tiago quanto de Vagner, em aceitar serem encaminhados para o atendimento se deu em função da postura que figuras de referência adotaram em relação à importância deste. Tiago assinala:

Eu não sei mesmo se eu preciso, meu pai diz que isso é coisa pra louco, fica rindo de mim. Mas minha mãe quer que eu venha, acha que vai ser bom pra mim. Eu, bem dizer, acho que até poderia ser bom, mas pena que é longe.

Talvez seja possível compreender que a acolhida da mãe frente às situações ocorridas pode ter favorecido para que Tiago empreendesse novas formas de pensar e encaminhar sua vida. No entanto, ainda ele ainda se via incapaz de lidar com suas questões sem uma contenção externa, exemplificada pelo fato de que o jovem não queria mais ter contato com amigos para evitar voltar às formas de expressão anteriores. O projeto terapêutico para Tiago deveria contemplar o fortalecimento de seus recursos internos, a fim de conseguir se sentir seguro frente às “tentações” que poderiam acometê-lo em certos acontecimentos em sua vida.

Já, para Vagner, a possibilidade de valorizar um espaço que se abra para a escuta de seu padecimento ainda não lhe parecia digna de investimento. Pode-se supor, mediante o fato de ele ter vindo em função do pedido da irmã, e considerando a forma distante e inacessível com as quais se apresentava ao outro, que Vagner convocava o outro à desistência. Não é à toa que, desde o início da série de entrevistas, a irmã vinha sempre acompanhá-lo e se mantinha ocupada do atendimento do irmão. Quando Vagner começou a faltar inúmeras vezes, exigindo que ela ficasse sempre às voltas com ele para que viesse ao SAPP, pouco a pouco a irmã foi igualmente desinvestindo essa possibilidade de atendimento. Na verdade, Vagner significou também um desafio para a pesquisadora, que teve que se manter muito

mais ativa e dando conta dos sentimentos contratransferenciais que o adolescente suscitava.

A possibilidade de vinculação de Vagner com um objeto significativo se constitui como uma das poucas possibilidades de que ele poderá lançar mão para sair desse viver mortífero. Ao encontro disso, Penot (2005) refere que, em alguns casos de adolescentes com expressão predominantemente através de atos, fica evidente a necessidade de que exista uma resposta suficientemente significativa do outro parental, para que seja possível o enganchamento pulsional.

O projeto terapêutico psicanalítico, segundo Hornstein (1989), contempla objetivos que buscam instaurar uma condição que antes não existia, a não como potencial. Isso é o contrário do modelo médico, que visa restabelecer um estado anterior, supondo ser este saudável. Para o autor, o projeto terapêutico busca, portanto, o desenvolvimento de potencialidades que antes se mantinham abafadas ou impedidas em função de inibições, sintomas e estereótipos caracteriais do paciente. Frente ao tema deste artigo, pode-se incluir aqui uma condição de precariedade psíquica que demanda uma construção de recursos internos abarcando formas de simbolização que tiram o sujeito do pobre circuito da passagem ao ato.

Ao encontro dessas proposições, Mayer (2001) considera que a psicanálise confronta-se com as necessidades da clínica atual, que põe em questionamento o que Freud recomendava sobre o trabalho psicanalítico *per via di levare e per via di porre*, tendo que, muitas vezes, recorrer ao segundo, numa tentativa de dar representação àquilo que não foi recalcado por nem ter sido antes representado.

O encontro analítico oferece a possibilidade de se experimentar, através da qualidade do encontro afetivo, uma escuta singular que permite imputar sentidos a um excesso (Dockhorn, Werlang & Macedo, 2007). No campo dos padecimentos com

expressões em ato, a função analítica, pautada na escuta, significa a possibilidade de articular a ação, no sentido de dar a esta um significado. Com o estatuto da representação palavra, o ato pode ser inserido no psiquismo e passível do processo de pensamento. A fratura psíquica sobre a qual se deve construir indica uma desagregação, uma desvinculação, uma desjunção. Através do estabelecimento de sentidos, expresso pelo favorecimento no espaço analítico do incremento da pulsão de vida, favorecendo a mescla pulsional (Freud, 1923/1989), fica viabilizado ligar a ação. Com isso, o novo cenário que se apresenta é de uma junção de intensidades que agregam, vinculam e articulam a ação.

Configurações Finais

A adolescência é uma etapa que exige do sujeito intenso trabalho frente às transformações físicas e psíquicas. No campo psicanalítico, ela também tem se constituído como um desafio, por convocar os psicanalistas continuamente a buscar uma ampla compreensão sobre esta fase tão singular da vida. Os elementos típicos da contemporaneidade ampliam esse desafio, pois a partir deles são incrementadas novas manifestações psicopatológicas nas quais o padecimento adolescente é expresso em ato.

Sendo assim, a dupla adolescente e analista deve resgatar o movimento de idas e vindas dessa fase, no sentido de que o jovem possa explorar novos lugares e experiências a fim de criar os recursos necessários para ingressar no mundo adulto. Esse movimento, no entanto, deve contar com um ponto de partida sólido, para garantir que essa referência ofereça o norte necessário a este caminho de descobertas. Nesse sentido, esse caminho é distinto da condição de nômade, já trazida anteriormente nesta discussão, pois o ponto de origem deve se manter como um porto

seguro para onde se possa retornar sempre que for necessário, independente das rotas estabelecidas. Sendo assim, a característica itinerante da adolescência, pela infinidade de vias a serem seguidas, pode ter ou não uma direção a favor da vida, já que o fato de ser itinerante por si só não significa bom caminho na jornada. A qualidade do itinerário do adolescer conta muito nesse processo e está intrinsecamente relacionada com a qualidade do itinerário vivido durante a infância. A bagagem, no que diz respeito às experiências e encontros vividos nesse primeiro tempo, vai ter influência expressiva na possibilidade de aproveitar a jornada adolescente no melhor que ela possa significar.

O material apresentado nesta seção empírica, organizado a partir de três estudos de caso, evidencia que, mesmo diante de semelhanças nas dinâmicas psíquicas desses adolescentes, torna-se fundamental considerar os meandros da singularidade de cada história. Na própria forma de exploração do material, são notáveis as diferenças na forma adolescente de expressão da dor psíquica via ato. Seja naquele jovem que consegue esboçar seus pensamentos e investigações internas se lançando na busca pela possibilidade da palavra, seja naquele para o qual a fala ainda não alcança o sentido, sendo o silêncio e a comunicação não verbal o que dá o tom ao material, tem-se um terreno fértil de compreensão sobre modalidades de expressão de padecimento psíquico. Nessa direção, em um espaço de escuta, fica potencializada a possibilidade para esses jovens de voltar um olhar ao passado, a fim de traçar uma nova perspectiva para o futuro.

Com isso, busca-se um desaprisionamento do ato como via privilegiada de expressão. Para que esse objetivo seja alcançado, é fundamental que se edifiquem espaços nos quais estejam oferecidos elementos de construção de um valor ao si mesmo, para que se inaugurem, também, condições de acesso à alteridade. Diante

disso, fica viabilizado ao adolescente habitar o campo intersubjetivo, colocando-se não mais como um alvo a ser atingido, mas como um “merecedor” de qualidade nos investimentos que recebe. A adesão ao tratamento, muitas vezes dificultada aos adolescentes em questão pela escassa condição de estabelecer vínculos, torna-se de grande importância. A constância e contiguidade, tão essenciais nos encontros primeiros da vida, ganham no tratamento um outro estatuto, abrindo um espaço de criação que permite revisitar os tempos fraturados no processo de construção do si mesmo. O campo transferencial assegura essa condição, ao garantir que a repetição ocorra agora em um novo contexto, regido pela ética da escuta analítica.

Tiago, Vagner e Antônio desvelam em suas falas, em seus silêncios e, sobretudo por meio de seus atos, a força destrutiva daquilo que irrompe e denuncia as precárias condições do si mesmo. A fragilidade que os acompanha compromete a qualidade de investimentos no devir e impõe, sem possibilidades de adiamento, uma reflexão sobre a intensidade da dor psíquica na adolescência. Por isso, o valor do objetivo de promover a adesão a um tratamento psicológico é reafirmado, uma vez que neste espaço de escuta efetivamente podem ser construídos recursos que auxiliem a transformar uma adolescência marcada por atos evacuativos em uma idade da vida desfrutada em suas potencialidades.

Referências

Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Birman, J. (2006). Tatuando o Desamparo. In M. R. Cardoso. *Adolescentes* (pp.25-43)

São Paulo: Escuta.

- Cardoso, M. R. (2001). Adolescência e violência: uma questão de “fronteiras”? In Cardoso, M. R. (org), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 41-53). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Conte, B. S. (2004, junho). Reflexões sobre o método e a metodologia em Psicanálise. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 1, 6-10. Porto Alegre.
- Dockhorn, C. N. B. F, Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da psicanálise. *Revista Barbarói*, 27, 25-42.
- Erickson, F. (1997). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Freud, S. (1895/1989). Projeto para uma Psicologia Científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/1989). Interpretação dos sonhos. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4 e 5, pp. 11-700). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-228). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1989). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915/1989). As pulsões e seus destinos. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 117-144). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S (1920/1989). Os instintos e suas vicissitudes. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 137-168). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S (1920/1989). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923/1989). O Ego e o Id. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago

Freud, S. (1930/1989). O mal estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.81-178). Rio de Janeiro: Imago.

Garzia-Roza, L. A. (2004). *Introdução à metapsicologia freudiana I: sobre as afasias, o projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Guimarães, R. M., & Bento, V. E. S. (2008, janeiro/março). O método do estudo de caso em psicanálise. *Psico – Revista trimestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS*, 39, 91-99. Porto Alegre: EDIPUCRS

Hornstein, L. (1989). *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Hornstein, L. (2009). *Narcisismo. Autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.

- Knobloch, F. (1998). *O tempo do traumático*. São Paulo: Educ.
- Kude, V. (1995). *A qualidade do atendimento na creche: um estudo em duas culturas*.
Tese de Doutorado não Publicada, Faculdade de Educação, PUCRS.
- Lerner, H. (2006). Adolescência, trauma, identidade. In M. C. Rother Hornstein (Org),
Adolescências: trajetórias turbulentas (pp. 27-50). Buenos Aires: Paidós.
- Macedo, M. M. K. (2006). *Tentativa de suicídio: o traumático via ato-dor*. Tese
doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto
Alegre.
- Macedo, M. M. K. ; Monteiro, R. A. & Gonçalves, T. G. (2010). Adolescência e
funções parentais: especificidades contemporâneas. In M. M. K. Macedo (Org),
Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis. 2 ed (Revisada e ampliada).
Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Maia, M. S. (2003). *Extremos da alma*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Mayer, H. (2001). Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In M.
R. Cardoso (org), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 81-101). Rio de
Janeiro: NAU Editora.
- Moraes, E. G. & Macedo, M. M. K. (2011). Sandor Ferenczi: from clinic turmoil to
productive theoretical articulations. *The American Journal of Psychoanalysis*
(no prelo).
- Nunes, M. L. T. (2004). Pesquisa Qualitativa: abordagem, coleta e análise de dados.
In M. Muller, D. Azevedo & M. C. Barros (orgs). *Psicooncologia e
interdisciplinariedade: uma experiência na educação à distância*. Porto Alegre:
EDIPUCRS.

- Penot, B. (2005) *A paixão do sujeito freudiano: entre pulsionalidade e significância*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Rassial, J. J. (1999). *O adolescente e o psicanalista* Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Schuman, D. (1982). *Policy analysis, education, and every life*. Lexington: Heath.
- Seidman, I. E. (1991). *Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences*. New York: Teachers College Press.
- Steffen, M. (2006). Delinquência: privação, trauma e passagem ao ato. *Pulsional Revista de Psicanálise*. 188, 82-86.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou refletir sobre as manifestações em ato na adolescência contemporânea, estabelecendo um contraponto entre aspectos que dizem respeito à cultura pós-moderna e a condições próprias desta fase da vida naturalmente turbulenta. Nessa direção, as características da atualidade atravessam o sujeito, dando a ele contornos que refletem uma cultura do individualismo e da carência de valores familiares e éticos. Perde-se na reciprocidade do encontro, já que o indivíduo está centrado em si, com uma frágil abertura ao caminho da alteridade. É um tempo de exigências que nunca alcançam a satisfação, por se tratar de ideais inalcançáveis.

A adolescência é um tempo especial, por representar a possibilidade de ressignificar as experiências infantis, a fim de criar as condições necessárias para entrar no terreno adulto. As demandas pulsionais presentes clamam por uma metabolização, deixando o sujeito invadido por intensidades psíquicas. É, portanto, uma etapa de crise que, somada a especificidades diversas, pode romper com o estatuto de “crise normal” e configurar experiências de padecimentos que indicam um mais além dessas demandas. Entre as especificidades encontradas a partir deste estudo, ganham relevância os efeitos devastadores no processo de construção da noção do si mesmo, decorrentes da carência de experiências organizadoras junto às figuras parentais. Assim, no âmbito de vivências que têm sua intensidade incrementada pelo desamparo e descuido, se evidenciam as formas de subjetivação que encontram nos atos uma modalidade de expressão da dor psíquica. Existe, portanto, um duplo traumático que se entrelaça: um no campo individual e outro a partir do âmbito social-cultural.

Entende-se que a impossibilidade de resgatar o passado a fim de construir uma perspectiva para o futuro está presente nesses padecimentos da clínica adolescente

atual. Percebe-se que, no momento em que o jovem poderia se lançar ao mundo com a tranquilidade de que o que se perdeu nessa fase está garantido em outra perspectiva, o que assola o sujeito é a insegurança de um terreno nebuloso, no qual não se sabe muitas vezes o que esperar. Nessa direção, os lutos próprios da fase, por exemplo, exigem que tenha se estabelecido uma relação anterior que garanta essa possibilidade, já que não se pode perder o que nunca se teve. O que fazer, então, quando, ao lançar um olhar ao passado, o que se vê são encontros frágeis e precários? Torna-se fundamental criar um campo de escuta que permita a tramitação necessária para tirar o sujeito de uma condição de orfandade psíquica, marcada pela irreversibilidade da desesperança. É no campo analítico que se estabelece o espaço privilegiado para que se reconheça um destino não determinado, mesmo que, em um primeiro momento, se tenha o sentimento de um destino precário. Assim, abre-se para a possibilidade do sujeito nomear-se por ele mesmo, já que pode contar com a escuta para reconhecer, na diferença do encontro, a diferença de um devir.

A partir do contexto desenvolvido nesta Dissertação, a cultura em suas especificidades se apresenta como um campo de investigação para a Psicanálise. No entanto, o objetivo central dos psicanalistas não pode ser simplesmente dar respostas a ela, mas sim repensar os aportes psicanalíticos que precisam ser revigorados, para que se ofereça aos despropósitos da cultura contemporânea uma escuta possível de se contrapor a essa modalidade de demandas. Com isso, a Psicanálise apresenta não uma saída messiânica ao sujeito, mas a esperança de que, ao buscar no passado subsídios próprios, pode-se traçar uma expectativa de futuro. Assim, mesmo reconhecendo uma herança defasada, o sujeito pode, com a ampliação de seus recursos internos, transformá-la, não ficando aprisionado a ela como uma sentença, mas vendo-a como um ponto de partida para a transformação do seu legado.

ANEXOS

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(TCLE)

Estamos solicitando sua autorização para que o adolescente, pelo qual você é responsável, possa participar da presente pesquisa que tem como objetivo compreender o padecimento psíquico manifestado em comportamentos de risco de adolescentes relacionando-os com acontecimentos de suas vidas, a fim de favorecer posterior adesão a atendimento psicológico. Esta pesquisa está relacionada a uma Dissertação de Mestrado desenvolvida pela mestrandia Roberta Araujo Monteiro, junto ao grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise” coordenado pela Dra Mônica Medeiros Kother Macedo do Programa de Pós-Graduação da PUCRS. Tal estudo prevê a participação de indivíduos com idade entre 14 e 18 anos do sexo masculino e do sexo feminino. A partir da sua autorização, o adolescente participará de uma série de quatro entrevistas, as quais terão duração de uma hora cada e serão gravadas em áudio. As entrevistas abordarão temas referentes a aspectos pessoais, sociais e familiares. Os dados obtidos nessa pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica preservada a conservação do sigilo quanto à identificação dos participantes.

Em qualquer tempo, poderão ser solicitadas informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo, com a psicóloga Roberta Araujo Monteiro, através do telefone (51) 9137 9045, ou ainda, com a Dr^a Mônica M. Kother Macedo, professora orientadora deste estudo: (51) 3320–3633. O (a) participante poderá ainda, suspender sua participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer ônus.

Eu, _____ (nome do responsável), _____ responsável pelo adolescente _____ (nome do participante) fui informado (a) dos objetivos do estudo de forma clara e detalhada. Recebi as informações necessárias e esclareci minhas dúvidas, fornecendo livremente o consentimento de participação na pesquisa face às informações recebidas. Declaro ainda, que recebi uma cópia deste documento.

_____	_____
Assinatura do Responsável	Data
_____	_____
Assinatura do Adolescente	Data
_____	_____
Mônica Kother Medeiros Macedo - CRP 07/03039	Data
_____	_____
Roberta Araujo Monteiro – CRP 07/15885	Data

ANEXO II – FICHA DE TRIAGEM

FICHA DE TRIAGEM

N.º

Nome:

Sexo: () F () M Idade: Data de Nascimento:

Estado Civil: Escolaridade: Escola:

Filiação:

Endereço:

Bairro: Cidade:

CEP: Fone:

Profissão:

Renda: Nº de dependentes:

Procura Espontânea: Encaminhado por:

Horário de Atendimento:

Genograma: Motivo da Procura:

Data: Triado por:

Assinou TCLE: () Sim () Não

ANEXO III – DESCRIÇÃO DOS ESTUDOS DE CASO

Caso I – Vagner – 15 anos - Drogas e Delinquência

Encaminhamento: Foi encaminhado por psicóloga do Juizado da Infância e da Juventude, no qual estava correndo o processo de guarda para a irmã. Também estava envolvido em um processo por furto de uma bicicleta no interior do estado. A irmã concordou que deveria ir para acompanhamento.

Família: Irmão de 15 anos, fazia uso de drogas com frequência. A irmã contava que V. não tinha contato nenhum com a mãe, que ela os abandonou quando pequenos. O pai era bastante próximo do irmão de 15 anos, o que incomodava bastante a irmã, que acabou se aproximando mais de V. Em uma situação crítica em função do uso de cocaína, foi para ela que V. solicitou ajuda. Pediu que o chaveasse em casa para que não fosse usar mais droga. A irmã parecia cansada de investir em Vagner, mas não tinha retorno. Acreditava que ele tinha que começar a se comprometer mais por ele mesmo, já que ela não podia fazer isso sempre.

Depois que o pai morreu, havia poucos meses, Vagner, os irmãos e a irmã vieram morar em POA, pelo tratamento de saúde que a irmã fazia. Moravam na cidade de Semeadura, onde só ficou o avô paterno. A irmã contava que existia uma suspeita de que V. não fosse filho do pai, mas o pai dizia que isso não importava para ele. O pai era considerado o único que o apoiava, sendo que, antes de sua morte, V. contava que as coisas eram mais tranquilas, ia melhor no colégio, se sentia melhor. Depois começou a ter atitudes mais destrutivas para ele mesmo e repetiu de ano (drogas, furtos, largou os estudos).

Além dos dois irmãos e da irmã com quem tinha mais contato, V. possuía um outro irmão que estava preso por questão de drogas (Crack), mas ele não dava detalhes sobre isso.

Tópicos do caso:

- Marca da esperança.
- Vazio de ser sujeito.
- Identificação com o pai morto.
- Falta de investimento parental.
- Incertezas sobre vínculos, origens, lugar dele.

- Isolamento → Necessidade de contenção.

Caso II – Antônio – 16 anos - Ameaça Homicida e Ideação Suicida

Encaminhamento: A mãe procurou por atendimento pelo baixo rendimento escolar e por comportamentos violentos. Foi encaminhado após a triagem para acompanhamento psiquiátrico e psicológico.

Família: Mãe: Parecia uma pessoa confusa, aparentemente fez uma dupla com a filha e excluía A. O paciente falava que a mãe fazia muita cena, tentando manipular a situação. A irmã parecia ser uma menina também difícil, ficava ameaçando. A. contava que a irmã batia bastante nele, e foi em um desses episódios que ele pensou em matá-la, ameaçando-a com uma faca. Relatou que não matou a irmã por pensar em como a mãe ficaria, vendo a filha morta. O pai morava em São Paulo com a nova família. Se falavam bastante por *Skype* e A. disse que ele era um bom pai. Só tinha uma questão de querer manter a imagem diante das pessoas, com coisas de roupa, por exemplo. A mãe, porém, disse que o pai era bastante imaturo e que deu uma desculpa para não ficar com o filho.

Tópicos do caso:

- Desesperança.
- Instabilidade, desorganização, incoerência parental.
- Falta de investimentos.
- Humilhação → Isolamento.
- Precariedade psíquica – “Eu não sirvo para nada”.
- Desconfiança, Ausência de vínculos consistentes.
- Controle vem de fora e não de dentro → Impossibilidade de sair do “rótulo” externo.
- Tristeza.
- Falhas na narcisização – Fragilidade egoica.
- Nomeado pelo outro.
- Ataque ao outro (o que tem dele representado ali) ataque a si mesmo.

Caso III – Tiago – 15 anos - Delinquência

Encaminhamento: Veio ao SAPP encaminhado pelo Conselho Tutelar, em função do não comparecimento dos pais no colégio depois de ele ter faltado a muitas aulas e pelo seu comportamento (violência e pichações).

Família: Tiago morava na época com a mãe, depois de idas e vindas da casa da avó e do pai, nos últimos 2 a 3 anos. Quando ele morava com a avó, ocorreu um desentendimento com os familiares que moravam no mesmo pátio e que acusaram Tiago de jogar pedras na casa deles, o que não era verdade. Depois de algum tempo, T. já bastante irritado com a situação, jogou uma pedra quando esses parentes estavam chegando, o que fez ele “levar a culpa” pelas outras também. Esse fato fez com que ele fosse morar com seu pai. O pai trabalhava em uma oficina e convidou T. para trabalhar com ele, dizendo que, já que ele não estava indo bem no colégio, então ele poderia ficar sem estudar naquele ano e voltaria no início do outro. As faltas, somadas aos comportamentos agressivos de T. no colégio e às pichações, fizeram a escola solicitar várias vezes a presença dos seus pais, o que não foi atendido pelo pai em função de não querer que ele estudasse naquele momento, e pela mãe por não ficar sabendo da situação. Quando o Conselho Tutelar foi acionando, a mãe foi até a escola saber da situação e T. passou a morar com ela e o atual marido. O adolescente tinha mais dois irmãos por parte de mãe e dois irmãos por parte de pai. T. não se dava bem com o antigo padrasto, pai de seus irmãos, motivo pelo qual não podia morar antes com a mãe. Também tinha problemas com a madrasta, não podendo morar com o pai. Por isso ficou morando com a avó.

Tópicos do caso:

- Instabilidade de lugar (o dele).
- Falta de investimentos – Precariedade psíquica.
- Instabilidade familiar.
- Mãe retornou → Possibilidade de contenção.
- Desânimo.
- Isolamento → Medo de voltar com os comportamentos.

ANEXO IV – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA
PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-1573/09

Porto Alegre, 20 de novembro de 2009.

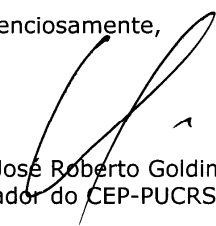
Senhora Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 09/04885 intitulado "**Desamparo e intensidades em ato: recursos de compreensão sobre a adolescência na contemporaneidade**".

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilma. Sra.
Profª. Monica Medeiros Kother Macedo
FAPSI
Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep